O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV

ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANNO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: anno 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assignaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRA E SABBADOS

Sabbado 29 de maio de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assigna-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:493

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

SUMMARIO:—A proscripção.—Colonias portuguezas e francezas na Africa.—Apreciações.—As festas do casamento do principe D. Carlos.—O futuro rei de Hespanha.—Arabescos e miniaturas.—Publicação a pedido.—Parte official.—Noticias diversas.—Noticias locaes.—Carta de Lisboa.—Telegraphia.

Aveiro

A PROSCRIPÇÃO

Repetem-se em França as reuniões dos ministros, a fim de resolverem se devem ou não ser expulsos do solo da patria os principes de Orleans. Os intransigentes exigem que sejam proscriptos, porque affrontam a republica. Os republicanos moderados combatem as exagerações dos exaltados, taxando-as de perigosas, e attentatorias da dignidade do governo e das franquias populares. O poder executivo, dividido pelas duas correntes, resolveu submetter o caso á deliberação das côrtes. O corpo legislativo vae pois occupar-se do assumpto, e não nos surprehenderá que vençam os adversarios da verdadeira liberdade.

O que significa a expulsão dos principes? Um acto de fraqueza, a prova provada de que a republica não está radicada em França, o medo que apavora os facciosos, a intransigencia levada ao cumulo, a abdicação da democracia nas mãos dos que empurram a sociedade para os excessos que deram á communa a feição typica, que encheu de horror a humanidade.

Funda-se a questão franceza nas demonstrações que se deram n'aquelle paiz por occasião da despedida da princeza Amelia de Orleans. A gentil senhora abandonava a patria para casar com o principe real de Portugal. Os condes de Paris reuniram na sua residencia todas as pessoas das suas relações, independentemente de opiniões politicas. Lá esteve entre outros o sr. Julio Simon, antigo ministro da republica, e um dos homens mais importantes da camara. Pois nem aquella circumstancia, que deu ao acontecimento um tom completamente familiar, serviu para neutralisar os protestos e as exigencias dos intransigentes. A nada se attendeu, para verem só o alvo a que visam ha muito tempo. Sentem-se mal com a presença dos principes em França. Elles, que abriram os pontões aos assassinos dos refens, elles que propozeram a amnistia dos petroleiros, que reduziram a cinzas os antigos monumentos da metropole, não consentem que respirem o mesmo ar os que durante as agonias da França se alistaram como soldados afim de defenderem contra a invasão estrangeira a integridade da patria!

Não é o povo que formula a accusação, porque o povo é bom e generoso, e oppõe-se á reproducção d'essas scenas vergonhosas, que são uma affronta á verdadeira democracia. Os partidarios da intransigencia, os que não querem que a liberdade fructeie, esses é que instam, arrastando o governo para que as instituições se amesquinhem a ponto tal, que não deem garantia alguma, nem a elles mesmos.

Não sabemos ainda o que fará o presidente da republica, mas supomos que se deixará illaquear pelos fanaticos, não tendo força para resistir á onda, que ha de acabar por derrubal-o, porque não ha governo estavel sem ter por baze a ordem e a liberdade. E assim a terceira tentativa da França democratica baqueará ao sopro do facciosismo, que já deshonrou a primeira republica, e que annullou a segunda. Será mais uma licção para registrar, licção que tanto aproveitará aos povos como aos reis.

Não é nunca bom esticar demasiado a corda. Fel-o Luiz Filipe em 1848, e oi morrer no exilio. Repetio-o Napoleão III em 1870, e á guerra desastrosa com a Allemanha seguiu-se Sedan, o desterro e a morte.

Agora é em nome do povo francez que se procura proscrever os principes, que ainda não se apresentaram como conspiradores para restabelecer o throno alluido ha 38 annos; mas o povo é indifferente ás manobras do facciosismo partidario, que cobrio Pariz de chammas, enchendo de horror a humanidade. E quando elle acordar do seu somno de indifferença, fará sentir a sua vontade soberana, enchotando os que abusam da ua condescendencia para contrariarem os seus interesses e ferirem em cheio a [illegible] de.

ONIAS PORTUGUEZAS ANCEZAS NA AFRICA

[illegible] rial francez publicou o texto do tra- [illegible] França e Portugal, relativo á deli- [illegible] alonias dos dous paizes na Africa [illegible] seguinte:

[illegible] Na Guiné, a fronteira que [illegible] francezas das possessões portuguezas seguirá, em conformidade com o traçado indicado na carta n.º 1 annexa á presente convocação:

Ao norte, uma linha que, partindo do cabo Roxo, se conservará o mais possivel, segundo as indicações do terreno, a igual distancia dos rios Casamansa e S. Domingos de Cacheu, até á intersecção do meridiano 17° 30' de longitude oéste de Paris com o parallelo 12° 40' de latitude norte. Entre este ponto e o 16° de longitude oéste de Paris, a fronteira confundir-se-ha com o parallelo 12° 40' de latitude norte.

Ao leste, a fronteira seguirá o meridiano 16° oéste, desde o perallelo 12° 40' de latitude norte.

Ao sul, a fronteira seguirá uma linha partirá da foz da ribeira Cajet, situada entre a ilha Catack, (que pertencerá a a Portugal) e a ilha Tristão (que pertencerá á França) e, conservando-se o mais possivel, segundo o relevo do terreno, a egual distancia do rio Camponi (Tabati) e do rio Cassini, do braço setemptrial do Rio Camponi (Tabati) e do braço meridional do Rio Cassino primeiramente, e do rio Grande depois, irá terminar no ponto de intersecção do meridiano 16° de longitude oéste e do parallelo 11° 40' de latitude norte.

Pertencerão a Portugal todas as ilhas comprehendidas entre o meridiano do cabo Roxo, a costa e o limite sul formado por uma linha que seguirá o *thalweg* da ribeira Cajet e se dirigirá em seguida para o sudoeste atraves o passe dos Pilotos para alcançar o 10° 40' de latitude norte, com o qual se confundirá até o meridiano do cabo Roxo.

Art. 2.º S. M. o rei de Portugal e dos Algarves reconhece o protectorado da França sobre os territorios de Fouta-Djallon, tal como foi estabelecido pelos tratados passados em 1881 entre o governo da republica franceza e os almanys de Fouta-Djallon.

O governo da republica franceza, pela sua parte, compromette-se a não exercer a sua influencia nos limites attribuidos á Guiné portugueza pelo artigo 1.º da presente convenção. Compromette-se, alem d'isso, a não modificar o tratamento concedido, em todo o tempo aos subditos portuguezes pelos almanys de Fouta-Djallon.

Art. 3.º Na região do Congo, a fronteira das possessões portuguezas e francezas seguirá, em conformidade com o traçado indicado na carta n.º 2 annexa á presente convenção, uma linha que, partindo da ponte de Chamba, situada no confluente da Loema ou Luiza Luango e da Lubinda, se conservará, tanto quanto possivel e segundo as indicações do terreno, a agual distancia d'aquellas duas ribeiras e, a partir da origem mais septentrional da ribeira Luali, seguirá a linha das cumiadas que separa as bacias da Loema ou Luiza Luango e do Chiloango, até ao 10° 30' de longitude léste de Paris, confundindo-se depois com este meridiano até o seu encontro com o Chiloango, que serve n'este sitio de fronteira entre as possessões portuguezas e o Estado livre do Congo.

Ambas as altas partes contratantes se compromettem a não elevar na ponta de Chamba qualquer construcção que ponha obstaculo á navegação.

No estuario comprehendido entre a ponta de Chamba e o mar, o *thalweg* servirá de linha de demarcação politica ás possessões das altas partes contratantes.

Art. 4.º O governo da republica franceza reconhece a S. M. F. o direito de exercer a sua influencia soberana e civilisadora nos territorios que separam as possessões portuguezas de Angola e de Moçambique, sob reserva dos direitos precedentemente adquiridos por outras potencias, e compromette-se, pela sua parte, a abster-se de qualquer occupação.

Art. 5.º Os cidadãos francezes nas possessões portuguezas da costa occidental de Africa, e os subditos portuguezes nas possessões francezas da mesma costa serão respectivamente, no que diz respeito á protecção das pessoas e das propriedades, tratados igualmente como os subditos e os cidadãos da outra potencia contrahente.

Cada uma das altas partes contratantes, gosará, nas mencionadas possessões, quanto á navegação e commercio, o regimen de nação mais favorecida.

Art. 6.º As propriedades que fazem parte do dominio do estado de cada uma das altas partes contratantes, nos territorios que mutuamente cederam, farão objecto de trocas e compensações.

Art. 7.º Uma commissão será encarregada de determinar, nos proprios logares, a posição definitiva das linhas de demarcação previstas pelos artigos 1.º e 3.º da presente convenção, e os membros serão nomeados do modo seguinte:

O presidente da republica franceza, nomeará dois commissarios, e S. M. F. nomeará outros dois.

Estes commissarios reunir-se-hão no logar que será ulteriormente fixado de commum accordo, pelas altas partas contratantes, e no mais breve praso possivel, depois da troca das ratificações da presente convenção.

Em caso de desaccordo, os mencionadas commissarios appellarão para os governos das altas partes contratantes.

Art. 8. A presente convenção será ratificada, e as ratificações serão trocadas em Lisboa logo que isto se possa fazer.

APRECIAÇÕES
(Continuação.)

Do *Jornal de Estarreja*:

Recebemos um exemplar dos *Sombrios*, versos de Firmino de Vilhena.

No folhetim do numero antecedente d'este jornal vem umas apreciações ácerca d'esta producção litteraria. Julgamos, que é o sufficiente. No entanto, accrescentaremos o seguinte:

O livrinho é pequeno. Encerra porém mais materia e trata de mais assumptos, nas suas 144 paginas, do que alguns outros, que tem mais do dobro e um grande formato, mas com tanto papel perdido e com typo tão grande, que os leitores enganam-se, julgando que tem muito que ler, e dentro em pouco, o livro... acabou-se. Com os *Sombrios* dá-se o contrario.

Da *Bandeira Portugueza*:

Sombrios.—Com este titulo, recebemos um formosissimo livro de versos do sr. Firmino de Vilhena, de Aveiro. Tem um rhythmo suavissimo e uma naturalidade de sã poesia que os approxima dos versos de João de Deus; senão, veja-se este soneto—

Eu quando fito bem
o rosto de Jesus,
não sei que estranha luz
embriagar-me vem,

Recordo Aquella Mãe
que morre aos pés da Cruz,
e cujo olhar produz
a dôr que o fel contem.

Assim se á tarde escuto
a historia do Seu lucto
na voz de uma andorinha,

—dôce Jesus perdôa!—
eu julgo ser tão boa,
a Tua como é a minha.

Da *Gazeta do Povo*:

Sombrios.—Com este titulo, recebemos um elegante volumesinho de versos, firmados pelo sr. Firmino de Vilhena, um dos redactores do antigo e conceituado jornal de Aveiro, o *Campeão das Provincias*.

Agradecendo ao seu auctor a mimosidade da offerta, diremos da impressão que em nós produziu a leitura dos seus *Sombrios*:

Ao lermos o titulo, lembrou-nos que o sr. Firmino de Vilhena nos iria dar, n'uma tella escura a nevoeirenta, o quadro tetrico e *sombrio* d'alguma d'essas gangrenas sociaes, que pullulam e se desenvolvem tão nefastamente n'este ultimo quartel da civilisação.

Lembrou-nos uma alma triste, penalisada, descrente, sem esperanças n'um futuro bom, sem crenças n'um ideal feliz, a alma d'um poeta sceptico, a quem a Musa só inspirava queixumes e a quem a sorte só offerecia contrariedades.

Enganámo-nos, porém, ou antes enganou-nos o titulo do seu livrinho.

A sua leitura amena, facil, convidativa, deliciou-nos, e convenceu-nos de que o sr. Firmino de Vilhena, longe de ser um sceptico, um revoltado, um descrente, è um poeta de organisação delicada, com sentimentos religiosos, todo feminil, um poeta lyrico, que se não importa com as aspirações dos modernos demolidores sociaes, que se estasiam simplesmente com os quadros nús, d'uma realidade cruamente abjecta e dissolvente.

O sr. Firmino de Vilhena filia-se rasgadamente na escola lyrica, e os seus *Sombrios*, n'este genero, são uma estreia brilhante.

Tem versos formosissimos, d'uma doçura admiraveis. Destacamos, ao acaso, os seguintes:

AS CREANCINHAS

Quando vejo ao pé de mim
as pallidas creancinhas,
alegres como um sorriso
ou um bando de andorinhas,

saltando pelas campinas
correndo meigas, fogazes,
bebendo os doces perfumes
desatados dos lilazes,

perdidas nos laranjaes,
saltitando entre a ramagem
em busca das avesitas
que se occultam na folhagem,

e, ligeiras como as pombas
por entre os brandos silvados,
desfolhando alegremente
os lyrios assetinados,

sinto não sei que impressão
ao ler-lhes no olhar de luz
a candidez de Maria
e os sorrisos de Jesus.

Podiamos citar mais. Não o fazemos por falta de espaço, e porque estas quadras tão formosas, são o bastante para se conhecer a alma fina d'um poeta.

No genero sentimental, cristão, já demos uma amostra aos nossos leitores, em um dos numeros passados da *Gazeta*, publicando em folhetim a *Mater dolorosa*, a *Consumatum est* e a *Gratidão*.

Em a maior parte dos *Sombrios* notamos que o sr. Firmino de Vilhena tem educado bastante a faculdade da observação naturalista, por isso que nos descreve, com as côres d'uma realidade viva, paisagens admiraveis n'uma frescura e n'um colorido de verdadeiro artista.

Concluimos agradecendo o exemplar que nos offereceu, e pedindo ao sr. Firmino de Vilhena que siga na carreira, que tão brilhantemente incetou, porque é necessario que se diga aos realistas *enragés* que ainda ha quem sinta, e quem tenha organisações delicadas.

Da *Revista Pedagogica*:

Sombrios.—Acabamos de ser honrdos com um brinde do maior valor—a elegante miniatura do inspirado poeta e distinctissimo escriptor o sr. Firmino de Vilhena—*Sombrios*. E' uma collecção de poesias apreciabilissimas, que revelam o espirito fino, delicado e lyrico do seu auctor, a par de grande cópia de conhecimentos e firmeza do pulso que as traça. Algumas são de uma delicadeza e inspiração mui pouco vulgar.

Emfim para ser apreciado a toda a sua altura precisa de ser lido e analysado como o foi por nós. Não fazemos transcripções porque nos embaraça a difficuldade da escolha.

Recommendamol-o aos nossos leitores como um livro digno de ser lido por todos os que sabem aquilatar o talento e os sentimentos nobres e elevados que perfumam a alma humana, na primavera da vida.

Agradecemos, muito penhorados, a fineza de tão procioso brinde, e enviamos os nossos parabens ao seu auctor pelo harmonioso concerto de applausos com que tem sido coroado por toda a imprensa do paiz.

AS FESTAS DO CASAMENTO DO PRINCIPE D. CARLOS

FEIXE DE NOTICIAS

Foi deslumbrante o baile no paço da Ajuda. Desde as 9 horas que duas longas filas de carruagens se dirigiam da calçada da Ajuda até ao largo do palacio, que se achava brilhantemente illuminado com um foco de luz electrica. Um cordão de policias, auxiliados por cavalaria da guarda municipal, fazia alli o serviço policial. Não se póde calcular até que horas entraram convidados, pois que ainda muito depois da uma hora da madrugada chegavam carruagens. O baile realisou-se nos salões do andar nobre do palacio. A larga escadaria que alli conduz estava ricamente atapetada, guarnecida de plantas e ladeada de archeiros, sustentando alabardas.

Aquellas salas são as do pavimento da sala do throno, destinadas ás grandes recepções. Foram arranjadas de novo; pozeram-se muitos parquets, collaram-se-lhes nas paredes papeis imitando couro antigo, e foram ornadas com retratos de familia, que se achavam na galeria de quadros de el-rei D. Luiz.

Uma das salas contigua á sala do throno, foi ornamentada com antigos pannos de Arraz, do seculo XVI, bordados a prata. Na parede do fundo ha as armas reaes portuguezas, collossaes, bordadas igualmente a prata. Nas duas paredes lateraes, esses pannos, que representam assumptos guerreiros, foram emoldurados em papel imitando couro antigo. São esplendidos e de grande valor, calculando-se em 2:000$000 réis cada um. O grande quadro, que representa a morte da princeza de Lamballe, e que estava na sala de D. João VI, foi substituido por outro.

Entre as salas mais notaveis destacava-se a *japonesa*, forrada, parquetada e mobilada no estylo japonez, e contendo riquissimas curiosidades do Japão, e a sala-museu, onde se ostentam, em etagéres ao longo de todas as paredes, riquissimas peças artisticas de prata e ouro, antiquissimas e de um valor incalculavel.

A illuminação era toda feita a stearina, em magnificos lustres de cristal.

A ornamentação de plantas foi unicamente disposta na entrada, para não occultar as bellezas dos relevos de estuques das paredes. São duas grandes celhas douradas, contendo grande numero de plantas em flor e dois riquissimos fetos da Australia. Aos lados d'estas celhas havia grupos admiraveis de plantas, onde avultavam exemplares notabilissimos de palmeiras.

A's 11 horas, desde a primeira sala, pelos corredores, até á sala do throno, apinhavam-se os convidados, entre os quaes avultava o numero de officiaes do exercito e da armada, que se apresentavam em grande uniforme. Na sala de dança achavam-se todas as damas de sua magestade a rainha e de sua alteza real a princeza D. Amelia, corpo diplomatico, ministerio, etc., etc.

A familia real entrou na sala contigua á sala do throno ás 11 e meia, seguida de todos os dignatarios de serviço, e os principes de Orléans seguidos das pessoas do seu sequito.

Precediam suas magestades o sr. duque de Palmella e o sr. conde de S. Thiago.

Sua magestade el-rei offerecia o braço á sr.ª condessa de Paris; sua magestade a rainha ia pelo braço do sr. conde de Paris; sua alteza a princeza D. Amelia pelo braço do duque de Aosta; sua alteza o principe D. Carlos offerecia o braço á princeza D. Helena.

A orchestra tocou o hymno real n'esse momento.

Logo que alli chegaram suas magestades e altezas dançou-se a primeira quadrilha, tomando os logares da cabeceira sua magestade el-rei, que dançava com a sr.ª condessa de Paris, tendo por *vis-á-vis* o sr. conde de Paris, que dançava com sua magestade a rainha; o duque de Aosta dançava com sua alteza a princeza D. Amelia, tendo por *vis-á-vis* sua alteza o principe D. Carlos, que dançava com a princeza D. Helena.

A *toilette* de sua magestade a rainha, de um finissimo gosto e riqueza, era de seda da China, branca, coberta de preciosas rendas de Bruxellas e guarnecida de flores. Na cabeça, um riquissimo diadema de brilhantes e esmeraldas, e no pescoço um formoso collar das mesmas pedras.

Sua alteza a princeza real D. Amelia trajava um vestido *rose*, coberto de bellas rendas e flores escarlates, diadema e collar de soberbos brilhantes. Trazia a banda de Santa Izabel.

Eram mais de 2:500 os convidados, que se viam nas salas do baile. Mais de 800 senhoras, ostentando as mais ricas e elegantes *toilettes*, davam áquelles salões um aspecto encantador e verdadeiramente deslumbrante.

Depois da quadrilha d'honra dançou-se uma valsa e outra quadrilha, em que não tomaram parte SS. MM. Faltavam vinte minutos para uma hora quando se retiraram Sua Alteza D. Carlos e a princeza D. Amelia.

A magnifica sala de jantar tinha sido transformada em *buffete*. Duas enormes mezas a todo o comprimento da sala com logar para mais de 400 pessoas.

No topo estava a meza da familia real. Sobre a meza e nos aparadores ostentava-se a magnifica baixella da casa real, que é um verdadeiro primor artistico.

A sala, muito bem illuminada e adornada com extremo gosto, produzia um brilhantissimo effeito. Abriu-se ás 11 horas para o serviço de chá e refrescos. A's 2 horas abriu-se de novo para servir a ceia, que foi abundantissima e provida das mais deliciosas iguarias, conservando-se aberto o *buffete* até perto das 5 horas da madrugada.

Durante o baile foram apresentadas a Sua Alteza a princeza D. Amelia muitas senhoras da primeira sociedade.

Sua Magestade el-rei percorreu varias salas, conversando com alguns convidados, e recebeu a apresentação muitos representantes da imprensa estrangeira, aos quaes fallou durante alguns minutos, deixando-os penhorados pela sua extrema amabilidade.

Finda a ceia SS. MM. retiraram-se. A's 3 horas e meia começaram os convidados a sair, mas eram tantos que ás 5 horas e meia da manhã ainda estavam muitos nas escadas esperando a chegada das suas carruagens. No dizer de todos os nossos collegas da capital, o baile foi uma festa deslumbrante, verdadeiramente regia.

*

Na quinta-feira realisou-se a grande tourada de curiosos dada em honra de suas magestades e altezas.

A vista da praça era brilhantissima. Os camarotes revestidos com colchas, com monogrammas e côres em rigor das casas nobres portuguezas, pertencentes aos laureados amadores e lidadores tauromachicos, como o marquez de Marialva, campos verde com listas brancas, um M amarello e corôa; marquez de Bellas, amarello e azul, um B e corôa; Carlos Relvas, preto e vermelho, elmo e um R; visconde da Graça, azul e branco, corôa e um G; conde de S. Martinho, azul e vermelho, S. M enlaçados e corôa; e outras mais, assim como diversos monogrammas de Alfredo Tinoco, Fiuza, etc.

Entre os camarotes havia flores e verduras pendentes de cornucopias doiradas, sustidas por laços de fitas de côres diversas.

Tropheus em volta da praça, compostos de forcados, muletas, espadas, varas, chapeus, bandarilhas, farpas, bastões, corôas, moñas, cabeças de toiros e cavallos arreiados á antiga, doze galhardetes brancos com maçanetas doiradas, pendendo bandeiras portuguezas, francezas e italianas.

A galeria do sol foi revestida de cobertas matisadas com fachas de côres e a trincheira com coburturas de côres guarnecendo o parapeito.

Os intervallos dos arcos foram ornamentados com escudos das nações.

O interior do camarote real tinha o fundo e os lados formados por quatro grandes chapas com espelhos guarnecidos de fazenda rosa pallida e camelias, seguindo a mesma ornamentação nos lados e tecto, rematando com cortinas de setim de diversas corôas.

No exterior, uma alcatifa azul e branca, com cortinas de demasco azul-claro franjados e bordados a seda doirada. O parapeito de peluche azul, com as armas reaes.

Por cima do curro, além das *moñas* da Rainha e da Princeza D. Amelia, as das sr.as duqueza de Palmella, marqueza das Minas, condessa de Ficalho, da Praia, de Sabugosa, de Valbom, de Villa Real, viscondessas de Castello Novo e de Falcarreira, D. Cecilia Wanzeller Pereira, D. Ernestina Vianna, D. Josephina Ribeiro da Cunha, D. Laurinda Alves da Fonseca, D. Maria da Gloria da Cunha e Menezes, madames Burnay e Monteiro.

A meio dos logares do sol, o escudo da casa Orléans, com as flores do liz em campo azul, entre bandeiras azues e brancas, e verdes, brancas e encarnadas.

Sobre a porta do cavalleiro uma colcha com uma aguia de oiro, pousando sobre um ramo verde, e aos lados as iniciaes E. P.

Perto das tres horas e meia chegaram El-Rei, a Rainha, o principe D. Carlos, princezas D. Amelia e Helena, os infantes, conde de Paris, duques de Chartres e Orléans e principes de Saxe Coburgo e Amadeu, damas, officiaes de serviço e ajudantes.

Poucos minutos depois, dava-se começo á tourada.

Primeiro, conduzindo o macho com as caixas das farpas, os moços de forcado, que eram os srs. José de Barros Lima, Antonio Martins, Francisco Amado, Leonardo Costa, Victorino Froes, José de Paiva, José de Sequeira e Nuno Infante da Camara. Em seguida entrou na praça o neto, que era o sr. D. Fernando de Noronha (Angeja). Vestia todo de preto, com mangas de setim escarlate. A cobertura do cavallo era de velludo carmezim bordado a prata.

A meio da praça parados, vestidos de setim azul e branco, de meias de seda até ás coxas, como dois gentis pagens, os andarilhos duas deliciosas creanças—D. Vicente Zarco da Camara e Jorge O'Neill.

Aberta a porta dos cavalleiros, onde se viam perfilados os forcados com os seus calções cremes atados por ligas escarlates e os seus casacos de setim vermelho e creme, o neto fez as cortezias, e em seguida appareceram os cavalleiros.

Ao centro D. José de Avilez, de casaca e calções de velludo preto, levando á direita Alfredo Tinoco, de casaca de velludo azul enfeitado a prata e calções de anta, e D. Luiz do Rego, de casaca azul enfeitada a prata, e calções tambem de anta, e á esquerda Alfredo Marreca, de fato de velludo preto enfeitado a prata, e D. Antonio de Portugal, de casaca e calções de velludo verde escuro enfeitados a prata.

Os bandarilheiros que coadjuvaram o trabalho dos cavalleiros foram: Vicente Roberto, Roberto da Fonseca, Peixinho, Raphael Costa, Fonseca, Calabaça e Sancho.

1.º touro coube a D. José de Avilez, 2.º a Alfredo Tinoco, 3.º a Alfredo Marreca, 4.º a D. Luiz do Rego, 5.º D. Antonio de Portugal, 6.º a Alfredo Tinoco e D. Luiz do Rego, 7.º (foi recolhido por se não prestar á lide), 8.º a D. José de Avilez, 9.º a Alfredo Tinoco, 10.º a Alfredo Marreca, 11.º a D. Luiz do Rego, e 12.º a D. Antonio de Portugal.

Aos cavalleiros foram offerecidos moñas de differentes senhoras:

A Alfredo Tinoco—moña de setim escarlate e verde, enfeitada a prata, da sr.ª duqueza de Palmella.

A D. Antonio Portugal—escarlate e branca da sr.ª viscondessa de Falcarreira.

A D. José de Avilez—de côr de rosa, azul e branca.

A D. Luiz do Rego, amarella e verde de madame Monteiro.

A Alfredo Marreca—côr de rosa e azul, da sr.ª condessa de Sabugosa.

Aos moços de forcado, entre os quaes se distinguiram, Barros Lima, Antonio Martins, Francisco Amado, José de Paiva e Victorino Froes, foram tambem offerecidas moñas. Ao primeiro—verde e branca com rosas, da Rainha; ao segundo—azul e branca, da princeza D. Amelia; ao terceiro—escarlate e preta da sr.ª marqueza das Minas; ao quarto—azul e côr de rosa, da sr.ª condessa de Valbom.

Tomaram portanto parte na corrida:

Cavalleiros—José de Avillez, Alfredo Tinoco, Alfredo Marreca, Luiz do Rego, D. Antonio de Portugal.

Neto—D. Fernando de Noronha.

Andarilhos—D. Vicente Zarco da Camara, Jorge O'Neill.

Moços de forcado—José de Barros Lima, Antonio Martins, Francisco Amado, Leonardo Costa, Victorino Froes, José de Paiva, José de Sequeira, Nuno Infante da Camara.

Moços do curro.—José Duarte Costa, Joaquim Duarte Costa, A. C., Antonio Lapa, A. Graciano, F. G., Francisco Pessanha e H. M.

Moços de gaiola.—Ignacio Paiva Raposo e Alfredo Ferreira Pinto.

Porteiro do cavalleiro.—Jorge de Albuquerque.

Director da corrida.—Marquez de Bellas.

Os toiros eram do sr. Emilio Infante da Camara.

A meio da corrida os principes de Orléans, acompanhados de SS. MM., sahiram da tribuna, dirigindo se para a estação do caminho de ferro. O principe real e a princeza Amelia demoraram-se até ao fim da corrida.

*

Foram magnificas as corridas de cavallos que tiveram logar na quarta-feira no hyppodromo de Belem. A galeria reservada estava cheia de senhoras, e na galeria publica havia tambem grande concorrencia de senhoras e cavalheiros.

No recinto da pesagem juntavam-se aos numerosos socios da sociedade promotora do apuramento das raças cavallares, que se distinguiam pelos seus laços das cores azul e branca, ou encarnada, e grande numero de influentes d'aquelle genero de divertimento.

A's 3 horas menos 10' chegaram suas magestades e altezas. Sua Magestade a rainha trajava uma elegante e distincta *toilette gris perle* toda bordada a matiz, e chapeu de palha *vieil'or* com flores d'um tom um pouco mais claro.

A princeza D. Amelia vestia *toilette* amarello torrado com bordados da mesma côr. O chapeu era de palha amarella enfeitado de velludo e plumas azues.

A princeza Helena, de *toilette* crême e chapeu de palha castanha.

A condessa de Paris, de vestido e chapeu de seda da India, crême, enfeitados a velludo cardinal.

El-rei e o infante D. Augusto estavam á militar, todos os outros principes á paisana.

As duas princezas depois de beijarem a mão de el-rei, deram-lhe um beijo na face, subindo todos ao pavilhão central, onde se conservaram até ao fim da quinta corrida. Estavam na tribuna real, além de estes personagens, el-rei, o principe D. Carlos, infantes D. Augusto e D. Affonso, conde de Paris, princeza Clementina, duque de Chartres e principes Jorge e de Saxe Coburgo.

Os cavallos que entraram nas differentes corridas e os premios correspondentes foram os seguintes.

Primeira corrida—*Cosmos*—Premio da sociedade 270$000 réis. Misleader, do sr. conde de Sobral; Princeza, do sr. G. Garvey; Huescar, do sr. duque de Fernan-Nunez.

Chegou primeiro o Misleader, segundo o Huescar.

Segunda corrida—Premio do governo 800$000 reis. Leviano, do sr. conde de Sobral; Meteoro e Estrella, do sr. conde da Ribeira Grande; Missionario e Webb, de sr. Manuel Vaz Preto; Cabina, do sr. duque de Fernan-Nunez.

Chegou primeiro o Webb, segundo o Cabina, terceiro o Estrella.

Terceira corrida—*Criterium*—Premio do governo 800$000 reis. Mississipi e Missouri, do sr. conde de Sobral; Plutarco, do sr. G. Garvey; Carpio, do sr. duque de Fernan-Nunez.

Chegou primeiro o Carpio, segundo o Plutarco, terceiro o Missouri.

Quarta corrida—*Omnium*—Premio de Sua Alteza real D. Carlos, um objecto de arte. Leviano, do sr. conde de Sobral; Mucho-Mucho, do sr. marquez de Castel-Moncayo.

Chegou primeiro o Mucho-Mucho.

Quinta corrida—*Militar*—Premio de Sua Magestade a rainha, [illegible] objecto de arte. Relampago, do pri[illegible]enente de artilheria [illegible] de artilh[illegible] lho de Oliveira; Douglas, [illegible] nente de artilheria, José de [illegible]; Lucero, do primeiro tenente de artilheria, Victor L. M. Silva; Rex, do tenente de cavallaria 4, Adrianno Veiga; Libreiro, do alferes de cavallaria 2, R. A. Aboim de Ascenção; Rayon, do tenente de cavallaria 1, Fernando Albuquerque.

Ganhou o Rex.

Sexta corrida—*Competencia peninsular*—Premio da sociedade 450$000 reis. Picador, do sr. Ricardo Davies; Misleader do sr. conde de Sobral; Missionario, Webb, Mac Clellan, do sr. Manuel Vaz Preto; Carpio, Cabina, do sr. duque de Fernan Nuñez.

Chegaram 1.º o Misleader, 2.º o Picador.

Por vezes o sr. D. Luiz, o principe e os infantes vieram ao recinto de passagem, fallar com os principaes influentes.

Sua magestade a rainha mandou chamar á tribuna os officiaes que tomaram parte na quinta corrida, desejando conhecer os concorrentes ao premio que por sua magestade fôra offerecido.

O cavallo vencedor, e que era montado pelo sr. Veiga, pertence á raça cuidadosamente apurada pelo fallecido marquez de Castello Melhor, sendo hoje seu dono o sr. D. Antonio de Portugal. Esta corrida causou grande enthusiasmo.

Na 3.ª corrida o cavallo Mississipe saiu da pista e na ultima rebentou a cella ao Max Clellau, cuspindo o jockey que ficou um tanto magoado.

Ao espectaculo assistiam alguns alumnos da quinta regional de Cintra com a respectiva banda. A guarda de honra era feita por infanteria 1.

Quando a familia real se retirou levantaram-se vivas, estrondosamente correspondidos, á rainha, princeza D. Amelia *e familia real.*

Eram seis horas e um quarto quando acabou a ultima corrida.

*

A *Correspondencia de España* desmente tudo quanto se tem propalado a respeito de divergencias existentes entre o duque de Montpensier e o resto da familia de Orléans, accrescentando:

«O casamento da princeza Amelia protectou-se com accordo completo e unanime de toda a familia Orléans.

O duque de Montpensier presenteou a neta com tres magnificos adereços, um de turquezas e perolas, outro de perolas e o terceiro de esmeraldas.

Se o duque de Montpensier não assistiu ao casamento, foi por causa de uma questão de etiqueta suscitada pelo numero de pessoas que deviam assistir ao casamento.»

*

Os srs. condes de Paris, querendo testemunhar quanto estão penhorados pelo acolhimento amigo e respeitoso que encontraram em Portugal, mandaram distribuir avultadas quantias pelos asylos e albergues de Lisboa.

*

O baile, que os srs. marquezes Oldoini dão amanhã 30, é em honra dos reaes noivos. E' tambem n'esse dia o anniversario natalicio do duque de Aosta.

*

Tem sido muito festejado nas provincias o faustuoso consorcio de SS. AA. o principe D. Carlos e a princeza D. Maria Amelia. No proximo numero daremos noticias d'estas manifestações.

A parada de terça-feira é das mais imponentes que se tem feito em Lisboa.

A's 3 horas e meia da tarde já as tropas da guarnição se achavam formadas no Terreiro do Paço, na seguinte disposição:

Na frente dos dois lagos o batalhão de alumnos do real collegio militar e o regimento de engenharia.

Entre os lagos a força de marinheiros, com as suas peças e metralhadoras.

Aos lados dos coretos, os regimentos de caçadores 2 e 5.

Atraz da estatua, com as musicas á direita, os regimentos de infanteria 1, 7, 16, 5 e 2.

Fóra da praça, na rua do lado do Tejo, o regimento de artilheria 1.

Em frente da arcada, do lado do ministerio da fazenda, o regimento de lanceiros 2. E em frente da arcada opposta, o regimento de cavallaria 4.

A cavallaria e artilharia formavam em linha, o regimento de engenharia em columna dobrada, e os outros corpos em columna de batalhão.

Os diversos regimentos foram chegando ao Terreiro do Paço uns apoz outros, e com tão poucos minutos que, póde dizer-se, chegaram simultaneamente, apezar de virem de pontos diversos e de distancias tão desiguaes.

A primeira brigada de infanteria, composta dos regimentos de caçadores 5 e infanteria 2, 5 e 16, era commandada pelo general Chaby.

A segunda, composta de caçadores 2 e infanteria 1 e 7, pelo general Lobo de Avila.

A brigada de cavallaria, composta de lanceiros 2 e cavallaria 4, pelo general Malaquias.

Corpo de alumnos do real collegio militar—Commandante, o alumno do 6.° anno n.° 11, Girão Calheiros.

Força da armada real—Commandante, o capitão de mar e guerra Celestino Ferreira.

Corpo de marinheiros—Commandante, o capitão de fragata Duarte Pedroso.

Bateria de marinheiros—Commandante, o 1.° tenente Alves do Rio.

Regimento de engenharia—Commandante, o coronel Freire de Alboim.

Primeira brigada de infanteria—Commandante da brigada, o general de brigada Claudio de Chaby.

Regimento n.° 5, caçadores de el-rei—Commandante, o coronel José Maria de Almeida.

Regimento de infanteria 2—Commandante, o coronel Henrique Barbosa.

Regimento de infanteria 5—Commandante, o corenel Cunha Pinto.

Regimento de infanteria 16—Commandante, o coronel Ferreira Guião.

[illegible] infanteria—[illegible] brigada, o g[illegible] de Avila.

Regimento n.° 2, caçadores da rainha—Commandante, coronel Correia Leote.

Regimento de infanteria 1—Commante, o coronel Jayme Scarnichia.

Regimento de infanteria 7—Commandante, o coronel Luiz Waddington.

Brigada de cavallaria—Commandante da brigada, o general Malaquias de Lemos.

Regimento de lanceiros 2—Commandante, o coronel Alves de Sousa.

Regimento de cavallaria 4—Commandante, o coronel Rodrigues da Silva.

Regimento de artilheria 1—Commandante, o coronel Paulo Pacheco.

As tropas fizeram as evoluções de formatura com extrema precisão, e conservaram-se com muita firmeza.

Todos os corpos estavam em grande força, podendo-se calcular que entraram em fórma 7:000 homens.

A's 4 horas da tarde, o sr. general Henrique José Alves, commandante da divisão, passou revista ás tropas.

O sr. visconde de S. Januario, ministro da guerra, montou a cavallo ás 3 horas da tarde, e seguido do seu numeroso e brilhante estado maior foi esperar el-rei para junto do Arsenal, onde o monarcha, o principe real, o duque de Aosta, o principe Jorge etc., vieram montar a cavallo.

O sr. infante D. Augusto commandava a brigada de cavallaria.

A entrada de sua magestade na praça foi imponente, rompendo n'esse momento o hymno nacional que foi tocado por todas as bandas.

El-rei vestia o grande uniforme de marechal.

Sua magestade passou minuciosa revista a todos os corpos, dirigindo palavras agradaveis aos officiaes superiores, que bem as mereceram pelo magnifico estado em que as tropas se apresentaram. Durante a revista a grande quantidade de janellas que olham para a praça, estavam todas apinhadas de senhoras.

Aos lados da praça era multidão enorme de povo. Do lado do Tejo havia uma parede humana: era uma quantidade extraordinaria de gente, homens e mulheres, que tinham trepado para cima do parapeito, formando uma linha cerrada, que tapava completamente a vista do rio.

Logo que terminou a revista, el-rei collocou-se á frente das tropas e, seguido pelo seu estado maior, abriu a marcha.

A rua do Ouro estava apinhada de gente, por entre a qual a guarda avançada de cavallaria, com custo, ia abrindo caminho para a passagem das tropas.

As varandas, janellas e inclusivamente os telhados estavam apinhados de gente. Nas janellas era avultadissimo o numero de senhoras, cujos *toilettes*, em geral claras, produziam lindo effeito, o que, junto ao embandeiramento das ruas e casas apresentava um conjuncto verdadeiramente deslumbrantes.

O Rocio e largo de Camões estavam tambem apinhados de gente.

A' maneira que iam passando ao lado do monumento de D. Pedro IV, as tropas faziam a continencia á estatua do dador da Carta, tocando as musicas o hymno do rei soldado composto por elle mesmo em 1832, a bordo da corveta *Amelia*.

Na Avenida era tão compacta a multidão que não ha exagero calculando em [illegible]000 pessoas a gente que alli estava reunida. Era um mar humano, uma coisa assombrosa e como não ha memoria em Lisboa!

El-rei, quando passou em frente da tribuna real, fez a continencia á rainha, entregou o commando das tropas ao general Henrique José Alves, que o acompanhava e ficou alli para receber a continencia da divisão.

A' maneira que iam entrando na Avenida, as musicas tocavam o hymno nacional e as tropas apresentavam armas, ao passarem em frente da tribuna real, fazendo os officiaes a respectiva continencia com as espadas.

As tropas desfilavam em columnas de secções, á excepção do corpo de marinheiros que ia em columnas de esquadra. A cavallaria marchava a trote e a tres de frente.

Todos os corpos marchavam perfeitamente, com muita firmeza, e conservando bem as linhas e a distancia; tornando-se, porém mais distinctos os marinheiros da armada e os alumnos do collegio militar.

O desfilar seguiu, sempre no meio de alas compactas de povo, até Valle de Pereiro, onde os diversos corpos tomaram a direcção dos respectivos quarteis, á excepção da cavallaria e artilheria que seguiram pela rua de Barata Salgueiro.

* * *

Diz um collega nosso, referindo-se á parada que o que toda a gente queria era ver a familia real, a nova princeza de Portugal, que tão grandes sympathias tem alcançado pela sua formosura e o seu ar agradavel. Chegadas as carruagens do paço junto da tribuna, a rainha, a princeza, a familia de Orleans e toda a côrte desceu a escadaria e procurou tomar logar nos trens, problema pouco facil de resolver. A rainha, serena e tranquilla, conseguindo entrar na sua carruagem á Daumont, mandou ao cocheiro que passasse vagarosamente para a frente e assim seguisse todo o trajecto. Então a multidão, encostando-se á portinhola, ergueu calorosos vivas a sua magestade a rainha e á princeza, que agradeciam com a maior gentileza e amabilidade. Apenas dois soldados da municipal iam na frente dos batedores abrindo alas. Nenhum outro apparato policial. Uma perfeita confraternisação do povo e da realeza. A carruagem seguia com difficuldade, por vezes tinha que parar. E toda essa turba extraordinaria saudava a rainha de Portugal, digna de todas as sympathias e considerações pelas suas nobres virtudes. A princeza Amelia era egualmente alvo das maiores manifestações.

Em seguida iam toda a familia de Orléans e a côrte. Muita gente saudava tambem os condes de Paris, que correspondiam o mais amavelmente possivel, tendo o conde de Paris ido por muito tempo com o chapeu na mão por entre as alas do povo.

Os estrangeiros estavam enthusiasmados com esta manifestação, por ver como era querida dos portuguezes toda a familia real, como a rainha sorria amavelmente para o povo, que a saudava com phrenezi, como todo aquelle cortejo desfilava serenamente sem guarda alguma, que o resguardasse da turba curiosa, que se agarrava á carruagem, de forma que era impossivel seguir.

Bem haja o povo portuguez, que tão brilhantemente collaborou n'esta festa.

* * *

Tem 21 metros de altura a tribuna real d'onde S. Magestade a rainha e S. Alteza a princeza D. Amelia presencearam o desfilar das tropas. Forma um octogono, de que saem 8 columnas de capiteis dourados, sobre os quaes assenta uma cupula elegante de côr bronzeada.

Para a tribuna sóbe-se por duas escadarias que vem concluir do lado da rua central da Avenida. Em cada angulo vê-se sobre pedestal branco uma estatua de gesso bronzeada, de espada em continencia, e viseira cahida.

O tecto é apainelado: o do centro representa as armas e corôa portugueza. A cupula é cercada, na base, por sanefas arrendadas de veludo *grenat*, de onde pendem grandes cortinas do mesmo estofo, e em cada centro um lustre de 8 bicos de gaz.

Seis toldos, de riscas azues e brancas, tres do lado oriental e tres do lado occidental, descem do alto, vindo prender-se ás extremidades de lanças, que saem inclinadas do corrimão da tribuna. O chão é forrado de tapetes aveludados iguaes aos que assentam nas escadarias.

Ao fundo uma escada atapetada dá entrada para os camarins reservados a suas magestades. Esses dois gabinetes, ao nivel do solo, têm tapetes de Bruxellas, e as paredes são forradas de seda lavrada: o tecto é branco. As portas, de frizos dourados, ficam meio occultas por amplos reposteiros de veludo *grenat*. Estão admiravelmente decorados e mobilados. Tapetes e decoração foram fornecidos por Barbosa e Costa. Vianna Araujo forneceu as cortinas.

No alto do pavilhão real tremula a bandeira portugueza; e em torno, saindo dos arrendados e frizos dourados da base da cupula, galhardetes azues e brancos. O aspecto da tribuna é magnifico e de bom gosto. Deve-se ao risco do architeto Valentim José Correia.

Do lado esquerdo, subindo a Avenida, e fronteiras ao pavilhão real, acham-se as tribunas para os convidados, formando tres corpos iguaes, mais elevados o do centro e os dos extremos. Entre estes ligam-se dois corpos de alas, divididos em 6 tribunas. Os tres corpos eguaes medem em altura 14,m80, e tem 57,m80 de comprimento por 12,m80 de fundo.

No topo do corpo central vê-se um escudo bipartido das armas portuguezas e italianas, encimado pela corôa real: nos dos extremos, norte e sul, escudos bipartidos tambem das armas de Bragança e Orleans, encimados por corôas ducaes.

Os tectos de todas estas tribunas são apainelados, e brancas as columnas que os sustentam, com dourados nos frizos. Uma linha de ornatos dourados, corre de extremo a extremo. Toda a frontaria é de azul (fazenda seraphina) com applicações de cazimira branca, e as cortinas, artisticamente apanhadas aos lados, na base das columnas, são de azul, debruadas de branco. Esta decoração é egualmente de Barbosa e Costa.

A partir do norte, as tribunas estão assim destinadas:

1.° Senhoras, corpo primeiro; 2.° Imprensa; 3.° Deputações; 4.° Camara municipal; 5.° Corpo diplomatico, corpo central; 6.° Camaras legislativas; 7.° e 8.° Côrte, duas tribunas; 9.° Tribunaes e funccionarios publicos.

Na tribuna do corpo diplomatico, as cadeiras são douradas.

As tribunas são em amphitheatros. Sobre ellas ha grande quantidade de pavilhões e galhardetes ondulando ao sabor do vento.

* * *

Pouco depois das 3 horas da tarde foram successivamente chegando á tribuna real os principaes dignitarios e convidados, taes como os srs. condes de Sobral, viscondessa d'Asseca, familia Linhares, marquez de Bellas, conde de Sampaio, ministro da justiça, conselheiro Beirão, conde da Lapa, marquez de Ficalho, contra-almirante Baptista de Andrade, visconde de Ribeiro da Silva, marquez da Ribeira, D. Luiz de Mascarenhas, conselheiros Antonio de Serpa, Manuel da Assumpção e Barros e Sá, condes e condessas das Alcaçovas (D. Luiz), de Sabugosa e de Seisal; condes de Santiago e de Villa Nova da Cerveira; duque de Albuquerque, Teixeira de Carvalho, ministro dos negocios estrangeiros Barros Gomes, embaixador do Japão, sua eminencia o cardeal patriarcha, visconde e viscondessa de Mossamedes, D. Eugenia Niza, duque de Loulé, ministro do reino José Luciano de Castro, ministro da marinha Henrique de Macedo, ministro das obras publicas Emygdio Navarro, conde de Villa Real, ministro da fazenda Marianno de Carvalho, condessa do Lumiar, marquez de Rio Maior, condessa de Ficalho, conselheiro Hintze Ribeiro, duque de Palmella, governador civil dr. Vicente Monteiro, commissario geral de policia dr. Moraes Sarmento, etc.

Faltavam vinte minutos para as cinco horas quando em carruagens do paço chegaram os srs. conde de Paris, duque de Orleans, marqueza de Rio Maior e princeza Helena, marquezes de Oldoini, conde de Ficalho, officiaes ás ordens dos condes de Paris, duque de Chartres e dois officiaes de marinha ás ordens.

Vinte minutos depois das cinco, precedidas pelos srs. conde e condessa de S. Miguel, e conde e condessa de Bertiandos, chegavam sua magestade a rainha e a princeza D. Amelia; desceram a recebel-as todos os dignatarios que estavam na tribuna, precedidos pelo sr. duque de Palmella, como já haviam feito á chegada dos srs. condes de Paris e demais augustos hospedes.

Sua magestade a rainha levava um vestido de seda côr de peito de rola, chapéu castanho escuro, enfeitado com uma pluma azul e visite de velludo castanho claro. A princeza vestia de azul e branco, com chapéu das mesmas côres e visite tambem castanho, ainda que um pouco mais claro que o de sua magestade.

A esse tempo, a tribuna apresentava um formosissimo aspecto.

A' frente, partindo da direita para a esquerda, haviam tomado logar nas 6 cadeiras centraes, a sr.ª princeza Clementina, a sr.ª condessa de Paris, sua magestade a rainha, as princezas Amelia e Helena e o sr. cardeal patriarcha; as demais damas, com as suas figuras gentis e as vistosissimas *toilettes*, occupavam as restantes cadeiras dos lados; por traz tinham-se collocado de pé os titulares, que assim davam ao quadro um fundo encantador, com as suas fardas recamadas de ouro e os peitos cobertos de scintillantes constellações.

Não era menos bello o aspecto da Avenida, vista de principio a fim; innundavam-na ondas e ondas de povo, que se apinhava e se apertava de um modo assombroso, em grandes e impetuosos vaes-vens, que os policias e os guardas municipaes mal podiam conter no limite que fôra marcado.

* * *

Realisou-se na segunda feira, o jantar de gala no paço da Ajuda. Foi de cento e cincoenta talheres, dispostos em duas mezas, a uma das quaes presidia sua magestade el-rei, tendo na sua frente a princeza real, e a outra sua magestade a rainha, tendo defronte o principe real. A' direita de el-rei estava a sr.ª condessa de Paris, e á esquerda a princeza de Joinville. A' direita de sua magestade a rainha, o conde de Paris, e á esquerda o duque de Chartres. A' direita da princeza real, o duque de Aosta, á esquerda o principe Jorge de Galles. A' direita do principe real, a princeza Helena de Orléans.

O jantar foi servido na grande sala da Ajuda, á qual as scintillações dos crystaes, o esplendor da baixella, o brilho das joias e o colorido variegado e rico das *toilettes* e das fardas bordadas, davam um aspecto deslumbrante. Durante o jantar tocou a musica da real camara escolhidas peças. Eis o *menu*:

Potages:—Consommé á lá Princesse. Créme de gibier, á la Saint-Hubert.

Hors d'œuvre:—Petits timbales á la Piemontaise.

Relevés:—Saumon á la Hollandaise. Quartiers de chevreuil, sauce aux câpres. Jambon á la Printaniére.

Entrées:—Turban de filets de poulets, á la Rougemont. Escalopes de pintades, á la purée de pois verts. Galantines de tourterelles, á la gelée. Punch á la romaine.

Rôti:—Dindes piqués á la perigueux.

Grosses piécues sur socles:—Hure de sanglier, des Ardennes. Pâtes de foie-gras, de Strasbourg.

Entremets de légumes:—Salade de Macedoine em bordure de gelée. Truffes á la mirepoise.

Entremets sucrés:—Gelée aux fraises en belle-vue. Gâteau Breton, au chocolat.

Grosses piéces sur socles:—Croquembouche en génoises. Nougat á la Parisienne.

Vins—Glaces—Liqueurs.

Sua magestade a rainha trajava uma formosissima *toilette*; vestido de setim branco com ricas rendas de Alençon, corpo e *train* de velludo *gris-bleu*. Na cabeça um esplendido diadema de brilhantes.

A princeza D. Maria Amelia tinha um delicioso vestido côr de rosa pallida, todo bordado a perolas. Adereço de brilhantes e saphiras, presente de seu augusto esposo.

A condessa de Paris, *toilette* de velludo *grenat ombré* e riquissimo diadema de brilhantes.

A princeza Helena, como sempre encantadora de *tulle* côr de rosa.

A princeza de Joinville, de setim *broché grenat* Deslumbrante collar de brilhantes.

A princeza Clementina de Saxe-Cobourg, de setim *broché*, lilaz e preciosas rendas.

No fim do jantar, sua magestade el-rei fez um pequeno discurso em francez, congratulado-se pelo casamento de seu augusto filho com a princeza D. Maria Amelia de Orleans, pois esperava que esta união trouxesse felicidades para a sua familia e para o paiz. Concluiu dizendo que a maneira affectuosa e sympathica como havia sido recebida a princeza D. Maria Amelia, era mais uma garantia de que o seu enlace com seu filho primogenito e herdeiro havia de marcar uma era de venturas para seus filhos e para a nação.

Além das damas francezas, viscondessa de Buter, condessa de Barral, e mademoiselle Levavasseur, assistiram ao jantar as seguintes senhoras: duquezas de Palmella e de Avila e Bolama, marquezas de Sabugosa, do Funchal, de Rio Maior, e Oldoini, condessas de Bertiandos, de Ficalho, das Alcaçovas, de Sabugosa, do Belmonte, de Linhares, de Valbom, de Villa Real, de Sobral, de Mossamedes, de Seisal, de Lumiares, de S. Miguel, de Steenbock, viscondessa de S. Januario, baronezas Schmidthals, Greindl, Carvalho Borges, mrs. Peter, mrs. Lewis, madame Billot, madame Mendez vigo, D. Maria Emilia Seabra de Castro, D. Anna Linhares, D. Lucinda de Macedo, D. Rita de Carvalho, D. Ernestina Navarro, D. Rita de Barros Gomes, D. Eugenia Niza, D. Marianna Martens Ferrão, D. Anna de Serpa Pimentel, etc.

Entre os homens estavam os srs. cardeal patriarcha, cardeal bispo do Porto, nuncio de Sua Santidade e todos os embaixadores e ministros estrangeiros, os ministros de estado effectivos, conselheiros de estado, officiaes-móres, presidentes das duas casas do parlamento, presidenteeda camara municipal de Lisboa, presidente da associação commercial, presidente da grande commissão dos festejos, governador civil, commandante geral da armada, casa militar e civil de el-rei, etc.

Era mais de uma hora da noite quando os convidados sahiram da Ajuda.

O conde de Paris conversou muito com o ministro dos Estados-Unidos, e com o commandante do navio americano, que se acha no Tejo.

* * *

O *Commercio de Portugal* publicou a seguinte descripção dos presentes da familia real portugueza á princeza D. Maria Amelia de Orléans:

«*Presente de S. M. el-rei.*—Diadema—Estylo renascença; os enormes brilhantes que se alinham na parte superior, são como grossas gottas de agua suspensas; o effeito é completo; a cercadura inferior é de brilhantes, menores em tamanho do que aquelles, mas não de menor belleza. Esta peça deve conter ao todo perto de 800 brilhantes, comprehendendo as duas *revières* que lhe servem de base e que a tornam muito notavel.

«*Presente de S. M. a rainha.*—Collar esplendido, feito segundo o estylo do diadema; tres enormes brilhantes formam o centro, destacando-se de uma extensa fita de brilhantes; o trabalho artistico é primoroso; dir-se-hia que é como que uma larga renda de brilhantes, pela sua flexibilidade em todos os sentidos de delicadeza nos engastes. Esta peça deve conter perto de 500 brilhantes.

«Diadema e collar d'este valor, não só material como artistico, são realmente dous presentes de reis.

«*Presente de S. A. R. o principe D. Carlos.*—Collar de saphiras e brilhantes, mais de phantasia do que obedecendo a qualquer estylo, comquanto faça lembrar o *neo-grecque*; pendente de uma larga fita de *brilhantes intercallados de saphiras*, como se irradia um ornato caprichoso, offuscante de brilhantes e saphiras, formando um matiz gracioso, do centro de qual se destaca uma enorme saphira de um admiravel *foncé*. As 23 saphiras de que se compõe este collar são acompanhadas de uns 300 brilhantes, dos quaes ha um de proporções pouco vulgares.

«*Presente de S. A. o infante D. Affonso.*—Binoculo em *ecaille blonde*, tendo as seguintes encrustações; de um lado uma corôa de princeza real e do outro o monogramma *M. A.*, rodeado de flores de liz. Todas encrustações são em brilhantes. O binoculo, sem as encrustações, veio da afamada casa Lemaire.

«*Presente de S. A. o infante D. Augusto.*—Um broche de brilhantes, representando uma aguia na attitude de voar, tendo suspenso no bico um enorme brilhante em fórma de *briollete*.

«As joias de que nos temos occupado sahiram das conhecidas officinas da respeitavel casa Leitão & Irmão, onde se trabalha com uma perfeição que faz honra a este ramo industrial. Com prazer registramos que, segundo as ordens de el-rei e de S. M. a rainha, as prendas offerecidas á princeza D. Maria Amelia foram obra de artistas portuguezes, que são realmente dignos dos maiores elogios. SS. MM. e AA. dignaram-se exprimir, nos termos os mais honrosos e lisongeiros para o sr. Leitão, o seu applauso por trabalhos tão completos, alguns que de ha muito se não faziam no paiz e que tarde se tornarão a fazer, e todos em condições de se collocarem ao lado de iguaes, feitos no estrangeiro, sem que nos tenhamos de nos envergonhar do confronto.»

* * *

O *Figaro* publicou a seguinte lista de presentes enviados das provincias de França á princeza D. Maria Amelia:

Os subscriptores de Nancy—Um guarda-vento de charão, com quatro faces ornadas de pinturas. As senhoras de Touraine—Um grande prato com as armas da França e de Portugal. Os subscriptores de Berry—Um serviço de porcellana, de Mehun-sur-Yèvre. Os subscriptores de Tours e de Indre-et-Loire—Um serviço completo. As senhoras do Sena-Inferior—Um leque pintado por Eugenio Lami, representando uma caçada no castello d'Eu, no tempo de mademoiselle de Montpensier. As senhoras de Saône-et-Loire—Um espelho com moldura de prata cinzelada. As senhoras d'Eu e de Tréport—Um grande Christo de marfim mettido n'um quadro de ebano com as armas de França e de Portugal. Os realistas do conselho geral de Loire-Inferior—Dous corações enlaçados com flores de liz ao meio, e encimados pelo arminho bretão, tudo feito a brilhantes. As senhoras da Bretanha—Uma admiravel imagem de S. Anna d'Auray. As religiosas da Providencia d'Eu—Um genuflexorio com as armas de França em losango sobre velludo vermelho. As meninas da cidade d'Eu—Um livro de horas de couro da Russia vermelho, dentro de cofresinho com armas. Os empregados do castello—Um relogio de marmore, tendo em cima a estatua de Henrique IV ainda creança, de Bosio. O asylo dos orphãos da cidade d'Eu—Um *porte-bouquet* de filagrana. As religiosas do asylo de Tréport—Um ramo feito de conchas.

O mesmo jornal dá noticia das prendas de diversas procedencias, que recebeu tambem a princeza e são as seguintes:

Um guarda-vento, dourado, cheio de bordados e com espelho, offerecido pela condessa Pajol. Um dito com passaros, bordados, da condessa de Cléry. Dois grandes vasos de Sévres, da baroneza James de Rotschild. *Os Psalmos de D. Antonio, rei de Portugal* (Prior do Crato), livro raro, de Augusto Boucher. Um grande parafogo bordado e com caixilho doirado, da condessa de Bondy. Uma flor de liz de saphiras e brilhantes com *aigrette*, do duque e da duqueza de Dondeauville. Uma caixa de amendoas esmaltada, de William de la Rive. Um livro de orações com encadernação de prata cinzelada, da marqueza viuva de Beauvoir. Um leque antigo, com varetas de ouro, da baroneza N. de Rotschild. Um relogio antigo de prata, n'um estojo de velludo, da duqueza de Uzés. Um vaso de velho Sévres, do barão e da baroneza Edmond de Rotschild. Uma almofada com as armas de França, bordado a *petit point*, de madame Laurent. Um bulle e duas chavenas de velho Sévres, do duque e da duqueza de Bisaccia. *A vida dos Santos*, do conde de A. de Riancey; encadernação completa, com a inicial A. Um vaso de vidro azul montado em prata, de Estanislau Brugnon. *Sermões escolhidos*, 3 volumes, encadernação inteira, de mademoiselle de Saint-Aubin. Um sinete de ouro cinzelado, do marquez de Harcourt. Um bracelete com perolas, de mr. e madame Emmanuel Bocher. Um copo de crystal com as armas francezas e portuguezas gravadas, da condessa de Chambord. Copo e colher de porcelana esmeltada da China, da viscondessa de Bondy. Almofadões de velludo vermelho, bordados a ouro e prata, da condessa Odon de Montesquieu. Açafate de costura de setim cor de rosa bordado, de madame Amel. Um vaso porcellana de Sévres, da marqueza d'Audriffet-Pasquier. Um broche representando dois corações, de brilhantes, do conde e da condessa de Suzannet. Um leque de madreperola representando a *villa* de S. João e as armas portuguezas, de madame e madamoiselle du Parquet. Uma aguerella de Penne, representando uma caçada em Chantilly, a 20 de janeiro de 1886, pelo senador Eduardo Bocher. *Introducção á vida devota*, encadernação inteira azul, de mademoiselle Levavasseur. Um amor-perfeito de brilhantes, da duqueza de Luynes. Um dragão de brilhantes, de mademoiselles Maria e Antonieta de Baunelos. Um leque de setim branco, com uma rosa e armas francezas e portuguezas, de madame de Souza. Um cofrezinho de malachite, de mr. e madame Lambert de Croix. A Virgem e Menino Jesus, encaixilhado, dentro de um cofre, do conde e da condessa de Rochefort. Uma *corbeille* de flôres do conde e da condessa Gramont-d'Aster. Um broche de *brilhantes, prepresentado um dragão encimado* por uma flor de liz, da condessa de Haussonville. Um vaso de crystal encimado um dragão, de mademoiselle de Sartigues. Tres aguarellas de Buttura filho, *Vistas de Cannes*, do doutor Buttura. Um leque com uma vista de Tréport e flores, de madame de Kermaingant. Um cofrezinho de bronze tauxiado, de mr. Banderali. Uma caixa de prata, do feitio de um coração, dos srs. C. Harris. Uma taça de prata, do conde e lady Coventry. Um leque antiquissimo, de madame de Robles. Um broche em forma de espada com a seguinte inscripção: *In hoc signo vinces!* do general de Charette. A *Historia de Portugal*, de Augusto Bocker, encadernação inteira com as armas de França, do advogado Bouchet. Um *sachet* bordado, de mademoiselle de la Rive. Um leque de tartaruga com as armas de França e de Portugal, da baroneza de Baye. Um retrato a oleo do duque de Orleans, com caixilho, de mr. Fontaine. Uma sombrinha de seda branca, varas de junco e castão de oiro com a inicial A em brilhantes. Uma Nossa Senhora e um menino Jesus, de marfim, muito antigo, do arcebispo de Ruão. Uma aguarella representando uma vista de Treporte e de Mers, de mr. Athalin. Um relicario de prata, contendo uma reliquia de S. Lourenço d'Eu, de mr. Chauteloup, abbade d'Eu. Um binocolo de madreperola com a inicial A em brilhantes, da princeza de Léon. Uma estatua de S. Luiz, de bronze, de mr. Tristan Lambert. Um *sachet* de setim côr de salmão bordado de madame Level. Uma vista do castello d'Eu, quadro a oleo encaixilhado, de mr. Serrure. Um biombo côr de rosa, bordado, de duas folhas, de madame Saint Marc Girandin. *Lafontaine e os Fabulistas*, do proprio auctor, mr. de Saint-Marc Girandin. Um frasco á Luiz XIV de crystal de rocha montado em ouro, de mr. e madame Guéneau de Mussy. Uma miniatura de Henrique IV, de madame Alexis Moreau (viuva). Treze volumes de Cuvillier—Fleury, encadernação inteira, azul, com as armas de Portugal, de madame Tiby. Uma aguarella em fórma de leque, representando a *Praça do peixe de Tréport*, caixilho dourado, de mr. de Grandmaison. Uma taça de crystal e bronze dourado, de mrs. de Chévilly e do duque de Glucksberg. Dois frascos de crystal, montados em ouro e prata, de mr. Langel. Uma pulseira de ouro com quatro folhas de trevo feitas de brilhantes, da marqueza de Harcourt. Um *cachepot* da China com armas de Portugal, de mr. Morel, vice-consul de Portugal em Lyão. Uma Nossa Senhora bordada em fundo azul e ouro, da condessa Paul de Sègur. Uma *liseuse* de tartaruga com a corôa portugueza, da viscondessa de Chazelles. Rendas antigas, da marqueza L. de Beauvoir. *A minha mocidade* (conde de Haussonville), encadernação inteira, com a inicial A e a corôa portugueza, do conde Othenin d'Haussonville. Dois *sachets* de setim branco com as armas da França e de Portugal bordadas, de mr. Dupuy. Guarnição de escrevaninha, toda de coral e prata dourada, faca para papel, sinete, caneta e lapis, do capitão Morhain. Um par de vasos para flores imitando marfim, dourados por fóra, do marquez e da marqueza de Lasteyrie. Um vaso de antiga porcellana de Sévres, fundo azul, da baroneza N. de Rotschild. Um leque de tartaruga e pennas brancas, com as armas portuguezas esmaltadas a brilhantes, da viscondessa de Greffulhe. Uma caldeirinha de agua benta, de prata, estylo Luiz XVI, do dr. Leclise. Uma *bonbonniére* de prata, com as iniciaes A O, de mr. e mad. Michellet. Uma folha de papel velino, com illuminuras, representando vistas do castello, da egreja d'Eu e de Tréport, moldura dourada, de madame Froment. Um *sachet* vermelho, com as as armas portuguezas e as de Orleans, de madame Briggs. Uma cruz de marfim com a cabeça de um anjo, de madame Dudon. O *Havre antigo*, encadernação inteira vermelha, dentro de um cofre, de mesdames C. Charvet, E. Devot e A. Magnen, do Havre. Uma *boubonnière* de ouro esmaltado, da baroneza G. de Rotschild. Uma pequena cadeirinha de charão da duqueza Decazes. Uma sombrinha de setim vermelho coberta de rendas de Chantilly, e pé de tartaruga com castão de ouro, de madame E. André. Um broche representando um dragão de brilhantes e perolas, da viscondessa de Butler. Uma almofada bordada e banco para genuflexorio, de mr. Doguin. Um ramo de fructas de doce, de mr. J. Négre, de Cannes. Uma meza de bronze com florões, da baroneza Alphonse de Rotschild. Dois alfinetes de perolas e brilhantes, de mademoiselles de Rougé. Um *port-monnaie* de marroquim azul com iniciaes e fechos de prata, de mr. Tonnel. Uma carteira de bilhetes, de marroquim azul com as armas em prata, de mr. Aubroy. Um esboço de Jadin, feito pelo duque d'Orleans, de mr. Asseline. Um *buvard* de marroquim azul, com as armas de França e de Portugal, de mademoiselle V. de Sercey. Um estojo á Luiz XVI de ouro esmaltado, de mr. C. Bapsta. Uma caneta de ouro com as iniciaes em brilhantes, da condessa de Clinchamp. Um relicario byzantino antigo, do barão d'Alcochete. A *Imatação de Jezus Christo*, encadernação inteira, da marqueza viuva d'Harcourt. Uma almofada de setim vermelho, de m.me de Latour. *Usos e costumes no tempo de Maria Antonieta*, 2 volumes, com as armas de França e de Portugal, do conde de Reiset. Um vaso de onyx sustentado por um elephante, engastado de pedras finas, de mr. e m.me Hervé. Um lindissimo leque, encaixilhado em ouro velho, de Jacquet. Um medalhão da condessa de Pariz, obra superior de Epinay. Sua alteza o duque de Aosta uma pulseira de brilhantes. Suas magestades o rei e a rainha de Italia, um adresse de saphiras e brilhantes. O principe de Carignan, um broche representando uma flor em diamantes. Princeza Clotilde, um annel de saphiras e brilhantes, etc. etc.

* * *

Parece que os principes casaram não sob o regimen dotal, mas nos termos de *communhão de bens a adquirir*. Assim a princeza recebeu de seus pais 360 contos, não como dote, mas como simples doação, sendo-lhe entregues desde já 270 contos, podendo receber os 90 contos quando lhe aprouver e recebendo entretanto os juros. As heranças que vier a ter, até uma certa somma, serão convertidas em papeis de credito que são designados no contracto.

* * *

A quantidade de gente em Lisboa é tanta que em alguns dias mais de 5:000 pessoas teem ficado sem alojamento. A arcada do Terreiro do Paço, escadas de predios, bancadas de passeios, Aterro, etc., viam-se coalhados de visitantes das provincias.

* * *

O sr. cardeal patriarcha foi agraciado com a grã-cruz da Conceição. Sua magestade el-rei fez-lhe presente das respectivas insignias.

* * *

Nos jantares que ultimamente se tem dado no paço da Ajuda, no pavimento onde estava os aposentos de suas magestades, tem aparecido as preciosas louças da China, Japão e Sévres, que o thesouro da casa real possue, e bem assim os serviços de louça, mandados fabricados por el-rei D. João V, e que são ornados com as armas reaes d'aquelle monarcha.

A SUA ALTEZA REAL

O PRINCIPE D. CARLOS

Na bronzea estrophe austera da epopeia
fica em relevo a historia,
o feito egregio, a luminosa ideia;
estatua ingente a dominar da altura
as eras de grandeza e de ventura,
entre as scintillações da eterna gloria.
Nos fastos do presente o estro apenas
sabe ensaiar os canticos da lida,—
desanimos, paixões, ergulhos, penas
invejas, temporaes, horas amenas
—lucta providencial da hodierna vida;
e as telas deslumbrantes
só reproduzem quadros cambiantes.

Quem podéra, Senhor, no espaço escuro
do que--ha de ser--, escuro aos olhos meus,
lançar um raio d'essa luz immensa
que inunda os amplos céus,
e ler, nas epopeias do futuro
do nosso Portugal
os nomes que, entre jubilos d'amores,
pronuncio n'est'hora em cada lar
e corôa de benções e de flores
este povo, Senhor, que é tão leal!

Quem me *poderá ler* a egregia sina
da pobre Flor de Liz
enlaçada na c'rôa Brigantina
junto á Cruz de Saboya, a tão querida
e decifrar-lhe o augurio mais feliz,
antecipando paginas futuras
n'uma longa epopeia de venturas!...
fosse o canto final da minha vida!

Senhor, se porventura a voz d'um povo,
ou, se d'um reino inteiro as alegrias,
se este applauso do mundo, que é tão novo
nos fastos das libertas monarchias
podem, ecco fiel d'altos destinos,
ter o infallivel dom das profecias,
felizes vós e nós!
Prorompam hymnos!

Principe, á Augusta Esposa
que para vós queremos, dizei logo
que, por satisfazer o intimo rogo
de noiva tão celeste e tão formosa
e de tão gentil noivo e tão completo,
além do brilhantissimo cortejo,
de que se orgulha o Tejo,
estavam lá, no templo,
tres testemunhas, sombras do passado,
que ainda attonito vejo, inda contemplo.

—Era o duque de Chartres, o valente
soldado de Valmy, rei sem soberba
e martyr sem lamentos;—era o ingente
libertador da Italia, o heroe soldado,
o—*galantuomo*;—e o duque de Bragança
o luctador que em sua lida acerba
duas c'rôas lançou de sobre a fronte;
surgira astro de fogo, no horisonte,
para fixar-se estrella de bonança.

D'esses grandes, que o são entre os primeiros,
Senhores, sois herdeiros.

Thomaz Ribeiro.

* * *

Eis o programma do fogo de artificio que se queimou no Tejo no dia 27, e a que já nos referimos no começo d'estas noticias, executado pelos srs. C. T. Brock & C.ª unicos pyrotechnicos do Palacio de Crystal, em Inglaterra:

1.° Illuminação da fonte no rio por meio de luzes coradas do Palacio de Crystal e vélas romanas de côres especiaes.

2.° Salva real de 105 bombas aereas em grupos de 5.

3.° Grande illuminação do rio, navios fundeados e margens por meio de luzes de côres variaveis.

4.° Fogos fluctuantes.

5.° Ascenção de balões projectando luzes electricas e chuva de côres.

6.° Descarga de grandes foguetes d lagrimas com todas as corôas e effeito conhecidos em pyrotechnia.

7.° Grande descarga de 250 grana das de varias côres e effeitos.

8.° Peça fixa,—dois grandes girasóe brilhantes com duas rodas chromotropa aos lados e dois girasóes menores, passando a quatro peças girantes e term nando com 20 fontes girantes de jact de gemmas.

9.° Baterias de salsichões.

10.° Ascensão de 100 metéores.

11.° Ascenção simultanea de 50 granadas granadas, formando no ar uma ceara de trigo com papoulas.

12.° Salva de granadas de 24, 30 e 36 pollegadas com effeitos novos.

13.° Peça fixa—diamantes e circulos de raios de prata com rodas de côres e girasóes sobre rodas irisadas.

14.° Descida de mil pára-quedas, de grandes foguetes de côres.

15.° Grande nuvem de raios de prata produzida pela descarga simultanea de 30 granadas.

16.° Salva de granadas de 50 pollegadas de Mamouth.

17.° Peça fixa—duas fontes de fogo de 100 pés de altura, cercadas de repuchos menores, formando tudo uma massa de fogo liquido com 270 pés de comprimento.

18.° Enxame de borboletas de oiro e esmalte.

19.° Ascenção de balões com luzes coradas e chuva de joias.

20.° Grande bateria de velas romanas especiaes.

21.° Salvas de obuses Mamouth do Palacio de Crystal.

22.° Projecção simultanea de 50 morteiros, produzindo uma chuva de esmeraldas e amethystas.

23.° Peça fixa—Os retratos dos condes de Paris, com disticos apropriados.

24.° Resteva produzida por uma girandola de mil foguetes.

25.° Ascenção de balões com luzes e velas romanas.

26.° Salva de bombas de 24, 30 e 36 pollegadas. Projecção de grandes foguetes de lagrimas.

27.° Peça fixa—Retratos de Suas Magastades com disticos apropriados e peças especiaes.

28.° Minas e joias.

29.° Nuvem que se transforma, produzida pela projecção de bombas de 30 pollegadas.

30.° Girandola de foguetes; minas de gammes; pyrilampos, salsichões e tu lhões.

31.° Projecção grandiosa de bas de 24 pollegadas, atiradas neamente, enchendo a abobada turquezas.

32.° Ninho de cobras de

33.° Peça fixa—Retratos tezas os principes reaes, apropriados, peças es ma coroado de flor

34.º Nuvem electrica.

35.º Grande chuva de prata e esmeraldas.

36.º Salva de granadas Mamouth do Palacio de Crystal com as ultimas novidades de C. T. Brock & C.ª

37.º Grande avenida com 100 palmeiras.

38.º Salva de granadas electricas.

39.º Immensa cataracta de fogo, occupando uma extensão de 400 pés, caindo da altura de 75 pés no rio.

40.º Arlequinada aerea produzida pela descarga simultanea de 50 bombas de 30 e 24 pollegadas.

41.º Grande girandola final, formando um *bouquet* aereo sem precedente.

*

O CONDE DE PARIS EM FROHSDORFF

(*Extracto de uma carta do duque de Nemours a sua filha*)

Por occasião da morte do conde de Chambord, os jornaes francezes publicaram uma carta, escripta pelo duque de Nemours a sua filha, na qual se narra, com a maior commoção, a derradeira entrevista do conde de Paris com o chefe da casa de França:

«Foi a sr.ª condessa quem nos abriu a porta do quarto do augusto enfermo.

Ficámos sós—eramos só os tres—o conde, ao ver-nos, ergueu-se com energia. Estendeu os braços, e com elles rodeou o conde de Paris pela cabeça, estreitando-o e beijando-o phreneticamente varias vezes; recostou a cabeça do conde de Paris sobre o coração; depois estendeu-lhe a mão e disse:

— Abracemo-nos, que somos amigos velhos.

D'ahi abraçou o duque d'Alençon.

Mandou-nos sentar e fallou-nos com a agradavel voz que bem conhecem. Pediu-nos circumstanciadas noticias de toda a familia: esposas, filhos, não esqueceu ninguem.

Emquanto assim conversava, tomanos as mãos, ora a do conde de Paris, ora a minha.

Repetiu diversas vezes:

— Eu bem sabia que não faltavam, e estou certo de que esta visita me fará melhorar.

Parece-me que isto vae melhor; não tenho o coração enfermo e elle ama eternamente todos os meus.

A entrevista durou 17 minutos.

Eu disse-lhe:

— Estamos a incommodal-o e retiramo-nos. Com o auxilio de Deus, que todos invocamos e com tão energica constituição, ha de triumphar do mal..

Então, tomando a mão do conde de Paris, o sr. conde de Chambord replicou:

Quando voltarem a França, digam a todos que é pela minha querida patria que devem chorar e não por mim.

O meu unico pezar é não ter podido servil-a e morrer por ella, como sempre o meu coração desejou. Que sejam mais felizes do que eu, é o que lhes desejo.

O FUTURO REI DE HESPANHA

Como nos participou o telegrapho, na segunda-feira, 16, aos 30 minutos depois do meio-dia, deu-se o nascimento do futuro rei de Hespanha.

S. M. a rainha D. Christina, vivamente impressionada com as desgraças provenientes do cyclone que anteriormente havia cahido em Madrid, começou a sentir-se incommodada no domingo, declarando o dr. Riedel á archi-duqueza Izabel que se precipitava o nascimento do terceiro filho da rainha.

Quando S. M. se sentiu mais agoniada, mandou chamar o general Pavia com quem conversou alguns momentos, retirando-se em seguida aos seus aposentos particulares apoiada no braço de sua augusta mãe e acompanhada do medico assistente o dr. Riedel.

A infanta D. Izabel esperou até mais tarde; e pela 1 hora, em consequencia das noticias favoraveis do medico, foi descançar n'um leito préviamente collocado na camara real. Desde a madrugada estavam accêsas luzes diante das reliquias collocadas na ante-camara, que são o baculo de Santa Thereza, a Rosa de Jaricó, a sagrada facha de Tortosa e o Cinto da Virgem.

S. M. não póde dormir um momento durante a noute. Pelas 2 horas da madrugada encostou-se no leito e antes das 4 estava vestida, passeando nos seus aposentos, apoiada em sua mãe, no medico e nas damas de serviço. A's 6 horas da manhã o dr. Riedel annunciou que o nascimento não se faria esperar longo tempo e que seria preciso dar o aviso correspondente ao governo, ás commissões, altos dignatarios e authoridades.

Desde esse momento tudo era movimento no palacio, começando a agglomerar-se povo na praça do Oriente. Na occasião em que sahiram os alabardeiros para dar conhecimento do facto ás commissões (11 da manhã), a noticia espalhou-se rapidamente por Madrid e numeroso povo acudiu aos arredores do palacio. Ao meio dia encontravam-se nas reaes habitações os personagens e commissões que deviam comparecer, designando o chefe superior do palacio, sr. marquez de Santa Cruz, e o introductor dos embaixadores, sr. Zarco del Valle, os logares que cada pessoa devia occupar.

Aos 30 minutos depois do meio dia o dr. Riedel veio annunciar o feliz nascimento de um principe varão, correndo a noticia com vertiginosa rapidez, enchendo de satisfação a augusta mãe da rainha regente, que se havia apressado a perguntar aos medicos assistentes se o recem-nascido era menino ou menina. Lagrimas de alegria humedeceram os olhos das senhoras que rodeavam S. M.

A duqueza de Medina de las Torres não se separou um momento da régia habitação. Na sua qualidade de camareira-[illegible] deu conhecimento da fausta nova ao [illegible]dente do conselho de ministros e o [illegible] del Valle communicou-a ao cor[illegible]matico.

[illegible] de se içarem as bandeiras nos sitios do costume, soaram os [illegible] tiros de artilheria, surprehendendo muitas pessoas, que ignora[illegible] havia passado. [illegible] e de todos os bairros de Madrid a multidão corria até ao palacio e ao içar-se as bandeiras produziu-se um movimento de satisfação em todo o povo que se agglomerava na praça do Oriente e na de Armas.

Entretante davam-se as salvas do estylo, sendo o recem-nascido entregue pelos medicos á archiduqueza Isabel. O principe foi cuidadosamente collocado n'uma preciosa bandeja de prata, sobre a qual se havia posto uma riquissima almofada guarnecidas de finas rendas. A camareira-mór tomou em suas mãos a bandeja, entregando-a ao presidente do conselho de ministros.

Em seguida o sr. Sagasta apresentou no salão o principe, produzindo gratissima impressão entre os assistentes a noticia de que S. M. a rainha havia dado á luz um varão.

— Viva o rei!—gritou o sr. Sagasta.

— Viva!—responderam todos.

Immediatamente, e pela mesma ordem, foi entregue a bandeja com o régio infante a sua augusta mãe, que o cobriu de beijos.

O futuro rei de Hespanha nasceu muito robusto, é louro, bem conformado, tem bastante similhança com a rainha sua mãe.

O ministro da justiça lavrou a acta do nascimento e apresentação do principe, á qual assistiram o ministerio, a corte e grandes de Hespanha, commissões do senado e da camara dos deputados, capitães-generaes, corpo diplomatico, etc.

Depois da apresentação do recemnascido, reuniu o ministerio para occupar-se do nome que se havia de pôr ao futuro rei de Hespanha, resolvendo-se previamente consultar S. M. a rainha. Ao conselho de ministros assistiram tambem os presidentes de ambas as camaras.

Em consequencia do luto que se guardo na corte pela morte do rei D. Affonso XII, não ha festejos nem signal algum de regosijo pelo nascimento do futuro rei.

S. M. a rainha regente respeitou em absoluto a vontade de seu querido e malogrado esposo, que acariciava o pensamento de que o padrinho de seu primeiro filho fosse S. S. o Papa Leão XIII, desejando que se lhe pozesse o nome de Fernando.

A proclamação popular do novo rei e a cerimonia da investidura das Ordens, serão feitas por S. M. a rainha, quando se ache completamente restabelecida.

No gabinete telegraphico do palacio receberam-se numerosos telegrammas de felicitação a S. M. a rainha pelo nascimento do principe. Entre elles encontram-se alguns muito expressivos.

O imperador da Russia foi o primeiro soberano que felicitou a rainha pelo nascimento do rei.

No ministerio de Estado receberam-se tambem dos representantes hespanhoes no estrangeiro diversos telegrammas de felicitação. Entre elles recebeu-se um muito expressivo do rei de Portugal e outro do presidente da republica franceza.

*

A historia do visinho reino não registra nos seus annaes o nome de nenhum rei que haja nascido filho posthumo, embora em Hespanha tenha havido diversos soberanos, cujo reinado começou desde a mais tenra infancia, sobretudo entre os Affonsos! Affonso V de Leão nasceu no anno de 995 e principiou a reinar em 999.

Affonso VIII de Castella (o da batalha das Navas) nasceu em 1155 e subiu ao throno em 1158.

Affonso XI nasceu em 1310 e ficou sem pae dous annos depois, em 1312.

Um rei posthumo houve todavia, até certo ponto hespanhol: foi João I, filho de Luiz X, rei de França e de Navarra, e de Clemencia da Hungria, o qual nasceu quasi ao mesmo tempo que Affonso XI, em 1310; ephemero foi porém o seu reinado, porque nasceu muito debil.

Por morte de João I separaram-se os reinos, de França e Navarra.

O de Navarra, que admittia mulheres á successão da corôa, passou para a irmã de João I, a infanta D. Joanna, nascida quatro annos antes, a qual reinou com o nome de Joanna II; e no throno de França succedeu-lhe Filippe V, seu tio, cognominado o Alto, por causa da sua elevada estatura.

*

Realisou-se, como estava annunciado, sabbado ultimo, o baptisado do rei de Hespanha.

O *programma da solemnidade*, que a *Gaceta* havia publicado, foi cumprido rigorosamente. Relativamente ao baptisado diz um jornal de Madrid:

«A anciedade para presencear a passagem do cortejo pelas galerias não podia ser maior. Desde as primeiras horas do dia, apenas abertas as portas do paço, foram chegando os mais impacientes, com o fim de que ninguem podesse disputar-lhes a escolha do lugar.

Pouco a pouco foram enchendo-se as galerias, e ás 11 horas da manhã foi distribuida a força de alabardeiros que ficou postada em duas filas, a fim de deixar expedita a passagem para a capella.

Em seguida longas e interminaveis filas de carruagens principiaram a affluir ao paço, tanto pela rua do Arenal como pela Mayor.

Ao meio dia era já impossivel alcançer a escadaria que dá para as galerias, excepto para aquellas que estavam reservadas aos cortezãos. A chegada de ministros, diplomatas, grandes de Hespanha, damas da rainha, gentis-homens e altos funccionarios succedia-se sem interrupção. A impaciencia era grande; todos estavam anciosos por que chegasse o momento da annunciada solemnidade.

Por fim ouviu-se um tiro de peça annunciando a sahida do cortejo real das habitações da rainha em direcção á capella. Os alabardeiros apresentaram as suas alabardas e a comitiva appareceu com a magnificencia que tanta fama deu á corte hespanhola.

Após vinte gentis-homens de capa e béca, vinte e quatro mordomos de semana, sessenta grandes de Hespanha, os sete gentis-homens de camara, portadores das bandejas, vinha o real infante nos braços da aia, a duqueza de Medina de las Torres, que ostentava uma banda vermelha com flores de ouro.

O real neophito, sobre as roupas finissimas interiores de cambraia e rendas, vestia uma capa de baptisado riquissima com rendas de Inglaterra, cinto de setim com flores de liz de velludo, murça de setim bordada a torçal branco com magnificas rendas Alençon, e banda encarnada com flores de ouro. O lenço para o rosto era de fina cambraia bordada.

O nuncio do Papa ia á direita do principe, representando Sua Santidade como padrinho do recem-nascido.

A madrinha, a infanta D. Isabel, que ostentava uma preciosa *toilette* de setim azul com flores douradas e rendas com applicações a ouro e valiosas joias de brilhantes na cabeça, seguia tambem ao lado do real neophito. Depois vinha a ama vestida de velludo escarlate com franjas de ouro finissimo; jaqueta de velludo preto com galões e botões de ouro; chambre de cambraia com ricas rendas e bordados; gargantilha composta de moedas de ouro com a effigie de Affonso; XII sapatos com laços de velludo carmezim e meias da mesma côr.

Fechavam a comitiva os chefes do paço e os officiaes superiores do corpo de alabardeiros com a sua musica á frente.

A' porta da capella esperavam os capellães honorarios precedendo o cardeal arcebispo de Toledo vestido de pontifical, com capa e mitra recamadas de ouro.

Quando chegou á porta da capella o infante com os padrinhos, principiou a ceremonia que precede o acto de administrar as aguas baptismaes, depois do que entrou a comitiva régia no interior do templo, que offerecia á vista um aspecto surprehendente.

As tribunas estavam completamente cheias. O corpo diplomatico achava-se brilhantemente representado na sua tribuna, occupando os primeiros lugares as esposas dos ministros de Italia, dos Estados-Unidos e de Portugal e as dos secretarios de França, Russia e Colombia. A tribuna das damas da côrte estava povoada de gentis e formosissimas senhoras. Os grandes de Hespanha presencearam a ceremonia nos bancos do costume, assim como os mordomos de semana e os gentis-homens.

No centro da nave achava-se sobre uma platafórma a pia baptismal de S. Domingos de Gusmão.

Collocada a côrte junto a esta pia, sentaram-se no centro da platafórma, no lado immediato á tribuna régia, a duqueza de Medina de las Torres, tendo o infante nos braços, ao seu lado direito o nuncio e a ama, e ao esquerdo a infanta D. Isabel e o duque de Sexto.

O cardeal Paya sentou-se no outro extremo, e em frente d'elle permaneceram de pé, sustentando as bandejas com os objectos necessarios para o baptismo, os gentis-homens mencionados.

Administrado o baptismo, cantou-se immediatamente um *Te-Deum* em acção de graças, com o que se pôz termo á ceremonia.

A banda que levava o infante no acto do baptismo era a mesma que levára o pai, o mallogrado Affonso XII, no acto de receber as aguas baptismaes.

O infante chorou quando o cardeal arcebispo de Toledo lhe chegou o sal aos labios. A agua recebeu-a impassivel.

A ceremonia terminou pelas 2 horas da tarde.

Arabescos e Miniaturas

CORNEILLE E RACINE

O que se segue não pretende ser, nem de longe, um parallelo poetico.

Esse, com a sua variante de opiniões, já tem as rugas de quasi dois seculos.

No momento actual, em que a idéa sociologica parece dominar tudo, vale a pena considerar, sob esse ponto de vista, dois homens de uma tão brilhante elevação de pensamento.

Le poète a charge d'âmes, disse um dos maiores, senão o maior, dos tempos modernos. Observamos, pois, qual d'estes dois pastores do almas ao dirige melhor pelos rectos caminhos da superior moralidade, onde correm em acres e balsamicas lufadas, as grandes aspirações do direito e do dever.

Eu não sou dos que querem, absolutamente, a arte ao serviço dos problemas governativos, não creio que os deuses da radiante mythologia devam figurar como modestas comparsas no grandioso drama das revoluções ou evoluções humanas; mas tambem o sol, com ser o arbitro de todos os planetas, não desdenha o humilde papel de vivificador das relvas obscuras.

E' assim que eu comprehendo a arte.

Não a supponho obrigada a prédicas do missionario, nem a declamações de pedagogo; não lhe fica bem o hyssope nem a férula, como tambem lhe não quadram as graves decifrações das esphiges; o que entendo, porém, é que ella, no seu luminoso caminhar para o ideal sereno, deve deixar cahir sobre o povo essas verdades consoladoras e austeras, que são o forte alimento das nossas consciencias.

Corneille como apostolo da democracia, sobrepuja a Racine, o citharista cortezão. No primeiro ha, a miúde, a erupção dos vulcões populares; no seu continuador ha o amansamento de quem vive em paz sob as gratas sombras dos baldaquinos.

Se Racine podesse sentir como a Emilia do *Cinna*, e dizer como ella:

> Pour être plus qu'un roi, tu te crois quelque chose,

Racine faria penitencia d'esta blasphemia politica, ou morreria victimado por ella, elle que, em verdade, morreu de displicencia, no dia em que lhe faltaram os sorrisos benevolos de Luiz XIV e de Madame de Maintenon.

Em Corneille, é bom que se repita, porque é esse o proposito d'estas linhas, ha quasi que a preoccupação dos direitos do homem; o seu olhar tem relampagos de indignação em frente das convencionaes supremacias regias.

E' assim que no *Cid* o pae de Chimena diz ao pae de Rodrigo:

> Pour grands qui soient les rois, ils sont ce que nous sommes.

Estes versos são impossiveis no auctor de *Bajazet*, e vem já como que impregnados de uns sopros da Constituinte.

Para dizer isto em pleno seculo realengo é preciso adejar n'um atmosphera saudavel. Atravez da personagem dramatica vê-se sempre a individualidade creadora, e por mais que as palavras se queiram explicar pela situação ou pelo estudo dos caracteres, ha n'ellas em evidencia, o cunho de uma intenção reflectida.

Quem lêr Corneille, abstrahindo do meio em que elle viveu, reconhece-o como um filiado na cruzada liberal. Nenhuns ares palacianos, nenhuma curva de lisonja, nenhumas feminidades de quem quer causar doces pruridos ás damas dos salões azues; o seu porte é de um romano antigo a que dá realce um certo apparato castelhano.

Conta A. Dumas, que, visitando o poeta Reboul, em Nimes, notou que a sua bibliotheca se compunha só de dois volumes: A Biblia e Corneille.

Para o simples homem do povo, para o trovador-padeiro, bastavam decerto aquelles dois livros, que levantam o coração e robustecem o animo. Nas horas do desalento, poderia elle retemperar-se n'aquellas paginas, onde ha o colorido energico, a seiva abundante e os largos horisontes pelos quaes a vista se embebe, sequiosa e fascinada.

Corneille é, comtudo, o poeta da patria, sem deixar de ser o poeta da humanidade. Dos seus heroes, embora romanos como nos bons tempos do Lacio, vê-se transpirar a impetuosa vivacidade gauleza. Quando Horacio, promette, que,

> Rome, quoi qu'il soit, ne sera point sujette;

temos em nossa frente essa mascula e adoravel França, que dá ao mundo os exemplos da intrepidez cavalleirosa e que é tão esplendida em Joanna d'Arc como é assombrosa nos bisonhos da Revolução.

Eu insisto no que disse; bosquejando estas rapidas considerações, não quero de nenhuma fórma altear o poeta de *Rodoguna*, collocando-o sobre umas presumidas ruinas do melodioso versificador de *Athalia*.

Certamente que este tem mais dulçores a estillarem do seu cadenciado alexandrino; ha n'elle mais elegancia, mais correcção, mais esmero, *quelquefois borné à la galanterie d'un courtisant françois*, como se expressa um commentador de outras eras; o meu fim, e esse não demanda tradalhos herculeos, é mostrar que, se a arte deve produzir o bem, se o bello deve nutrir o justo, se os escriptores eminentes tem de ser os constantes fanaes, alumiando as ondas, norteando os navegadores, apontando os baixios, e mostrando ao cabo as montanhas enfumaradas que já principiam a deixar entrever a terra da promissão, Corneille é, sem duvida alguma, um d'esses genios completos que encerram o bem no aprazivel,—imagem sublime da flor redolente que já nos deixa antegostar o pomo saboroso.

A indole do caracter revela-se na manifestação artistica.

Ao passo que Corneille arremessa á consciencia do povo as linguas de fogo que o devem transfigurar, Racine dedilha na mais aurea das suas cordas o louvor derrancado d'esse a que, gratuitamente, se conferiu o epitheto de grande rei.

Quando *Berenice* dizia de Tito:

> Qu'en quelque obscurité que le sort l'eut fait naître,
> Le monde en le voyant eût reconnu son maître,

os espectadores saudavam o monarcha frascario, incestuoso e arrogante, como os athenienses saudavam Aristides, ao descrever-se o varão justo.

D'estas branduras de caracter, sabia; como de seu natural, a predilecção das suas tendencias. Os assumptos queridos de Racine são, em mais de um lanço, aquelles em que se havia deliciado o harmonioso Euripedes.

Porque se não dirá a verdade inteira? Mais de uma scena em que o nome de Racine se tem perpetuado, broa copiosa do vasto manancial do tragico de Salamina. Aquella tão conhecida exclamação de Phedra a Oenone:

> ...c'est toi qui l'as nommé!

é finalmente traduzido do *Hippolyto*. A admiravel scena do 3.º acto, e a descripção de Theramène no 5.º, esse trecho poetico inseparavel de todos os compendios, são egualmente reproducção da tragedia grega.

E' por isso, que, no seu nobre adimento, na sua audacia varonil, na sua fórma um tanto rude, mas que reveste o que ha de mais sympathico nos generosos pensamentos e nas dignas aspirações, Corneille, radiante educador do povo, tem para mim um logar muito mais alto do que Racine, aprimorado genuflector de um rei.

E. A. Vidal.

A ESMERALDA NEGRA

Não havia em Praga uma só pessoa que não conhecesse o bohemio Mutchinet, o mais rico negociante de joias que jámais pizara o solo da cidade. O pai, como o avô, como o bisavô de Mutchinet, todos tinham como elle sido negociantes d'esta especie de mercadoria. E quando algum soberano da Europa, ou algum rico homem, fidalgo ou banqueiro, queria para as bodas da filha, ou para os caprichos da esposa, ou mesmo para as exigencias das que não eram esposas, a gemma mais rutilante e perfeita, não tinha mais do que ir fallar á casa dos Mutchinet, que lhes satisfaziam logo o pedido, e sem receio para o comprador de ser enganado, porque, a par da sua riqueza, era secular a honradez proverbial d'aquelles mercadores de joias.

O ultimo dos Mutchinet ficara velho—pois que mais de cincoenta annos tinha, sem pensar na sua successão, sem lembrar-se de adquirir familia. Era, porém, um homem forte, cheio de vida e de saude, bonito com as suas barbas brancas na face corada e sã. Vivia quasi só, apenas em companhia de uma velha criada, n'uma casa por demais modesta para tão rico negociante: e quando—raras vezes—tinha de ir buscar ouro para suas joias ás minas Zoachimstal, essa criada é que lhe guardava a casa. Ia perfeitamente tranquillo, porque o thesouro das suas pedras só Mutchinet sabia onde estava occulto.

Quando elle passava pelas ruas de Praga, sobraçando a sua caixa de ebano, muita mãe e muito pae suspirava:

— Que bom casamento que era o Mutchinet!

Elle, porém, passava sem ouvir, sempre preoccupado, sempre com o olhar vago e phantasioso. Mutchinet tinha o coração e a alma embotados aos sentimentos da familia, porque Mutchinet tinha todas as faculdades votadas, n'uma doença moral, á adoração das pedras preciosas. As fulgurações das gemmas escondidas, que todos os dias elle ia examinar cuidadosamente, produziam-lhe sensações nervosas que o perturbavam e commoviam. Pegava pedra por pedra, acariciava-as, para cada uma tinha uma palavra de amor, beijava-as reverentemente, dispunha-as em curvas e em circulos formava as mais extravagantes linhas, e ficava horas e horas n'uma longa admiração contemplativa, embevecido nas chispas fulgurantes e multicores de todas aquellas riquezas que tinha diante dos olhos.

Em tudo que o cercava, Mutchinet achava analogia com as pedras do seu thesouro. Se via, n'um dia limpido de verão, o raro azul do ceu da Bohemia, elle sentia uns intimos orgulhos de satisfação, porque aquelle azul não era nem tão bello, nem tão puro, como o das turquezas accumuladas na sua arca. Atravessando a estrada esbatida pelo sol, lançava o olhar ardente até o longinquo horisonte, e ás diversas e variadas tonalidades do verde dos campos oppunha, em razão de superioridade, agradativa coloração das suas esmeraldas, desde o verde mais negro até o mais limpido verde. O sol nascente não tinha a pureza das scintillações dos topazios que eram seus; ao meio dia, se ninguem podia olhar para a face rutilante do sol, tambem ninguem podia fitar os punhados de diamantes de Mutchinet; e á tarde, quando a linha esbrazeada do sol poente avermelhava o horisonte extremo, o vendedor de joias ia buscar ao escaninho das granadas e dos rubis, côres ainda mais lindas do que aquellas. enfeixadas no bellissimo meio crepusculo do anoitecer.

Era uma cousa exquisita e estranha a que se dava com aquelle bohemio. A sua natureza bipartia-se em modalidades que se contrapunham: se não herdasse de seus pais a indole de negociante, Mutchinet teria sido um collecionador apaixonado. Não era avarento, e a modestia de sua habitação explicava-se, porque elle não vivia senão para as suas joias. Mas, se um bom negocio se lhe offerecia para compra de suas gemmas elle não tinha forças para resistir. Tomava a pedra pedida, mas antes de entregal-a ao comprador, Deus sabe os martyrios que soffria. De pensamento segredava-lhe intimas caricias: «Vai, filha; vai, que o teu brilho realçará melhor e melhor se mostrará emquanto que aqui vivias só para mim, e só para mim, velho ingrato e egoista, dispensavas as tuas bellezas, para mim que te trazia occulta e fechada.» Quizera que a pedra lhe respondesse, que recriminasse o seu procedimento, que lhe pedisse que a não vendesse. Mas a pedra ficava callada, e elle recebia o seu preço, envergonhado e tremulo, quem sabe se com remorsos, e ia quasi chorando pedir perdão ás que ficavam, pela venda de sua irmã brilhante.

Estas commoções, repetidas amiudadas vezes, foram alquebrando o velho, alquebrando, alquebrando de maneira que elle já nem saia de casa. A fama da sua collecção, porém, corria mundo e vinham á sua casa de longe, de todos os paizes, mercadores de pedras, que tinham encommendas a satisfazer. A' pequena casa de Mutchinet vinham quasi todos os dias d'aquelles homens, e a diminuta loja apresentava uma estranha actividade.

— Bem vão os negocios de Mutchinet! exclamava muita gente, invejosa d'aquella prosperidade.

Mas essa mesma gente não sabia explicar porque, apezar dos negocios do velho andarem tão á feição, elle era cada vez mais triste e acabrunhado. E' que cada pedra que lhe compravam significava mais uma alegria que lhe era arrancada; levavam-lhe com ella um pedaço de suas affeições. E elle não podia reagir, não podia recusar a venda, que fallava alto contra a natureza de Mutchinet amador e natureza de Mutchinet negociante. O que elle fazia era abrir preços fabulosos, mas os compradores pareciam ser emissarios de reis cobriam sempre a quantia. Esvasiava-se a arca das joias, ao passo que regorgitava de oiro e prata o cofre das moedas, cujo telintar, se era agradavel ao negociante, parecia ao amador o gemido das victimas do seu mercantilismo, confundidos na sonancia d'aquelle dinheiro todo, victimas que foram, uma a uma, levando particulas de suas affeições e de suas alegrias.

A ultima esmeralda que lhe ficou era uma pedra fallada em toda a Bohemia e em toda a Austria. Por mais bella que fosse uma pedra d'aquella natureza, unica—diziam todos a uma voz—era tão bella como a pedra de Mutchinet. Quasi do tamanho de uma avellã, era de um verde quasi negro, e, posta junto aos brilhantes mais puros, subjugava-lhes as scintillações. Concentraram-se n'esta pedra todas as affeições do velho. Não passava dia que a não fosse ver e fallar-lhe, e interrogal-a se estava bem assim sobre a sua branca almofada de velludo, no leito de tartaruga crustada de oiro... Ficava ali com a pedra, n'um longo colloquio, contando que as suas companheiras todas, os brilhantes, as saphyras, os topazios, as coralinas, os rubis, as turquezas, as perolas, as amethistas, as esmeraldas, que todas se tinham ido embora para não mais voltar. Não dizia que as tinha vendido, por medo de que a pedra o censurasse. Mas ao mesmo tempo dizia-lhe que ella, a esmeralda grande, era a mais bella de todas as pedras, que nenhuma tinha o seu brilho, nem a sua pureza, nem a sua perfeição, nem o seu lapidado...

Mas ia casar-se a filha do rei, e o rei, que sabia d'aquella pedra, mandou o seu mordomo a Mutchinet. O negociante recebeu a proposta como se lhe lessem uma sentença de condemnação. Remontou a sua phantasia ás epocas de outr'ora, e viu, como em uma visão de sonho, todas as pedras que tinha possuido. A principio viu-as como um bando de crianças travessas, brincando na grande arca de ebano, ora as amethistas de encontro aos topazios, ora a coralina de encontro aos rubis, todas n'uma grande alegria infantil, despreoccupada. Depois já não eram mais crianças: tinham-se transformado em bandos de borboletas que adejavam, dentro do quarto, olhos de saphyras, azas de esmeraldas, corpos de diamantes. Esvoaçavam procurando saída: elle persegui-as, persegui-as, mas ellas iam escapando, uma a uma, por um grande circulo aberto n'um vidro das janellas. A umas conseguia elle deitar a mão; pegava-as febrilmente, sobreexcitado, mas quando abria os dedos, via, em vez da formosa borboleta de saphyra, de esmeralda e de brilhante, uma fria e dura moeda de ouro. E assim foram todas, todas, todas, e elle ficou triste e pesaroso como um coração ermo de venturas. Depois correu á sua caixa de tartaruga encrustada e abriu-a. Viu a branca almofada de velludo, mas lá não estava já a esmeralda. O que estava ali dentro, diaphana e impalpavel, era a sua alma, que elle bem a viu e conheceu, sua alma vazia das alegrias e affeições de outr'ora.

—

A filha do rei chorou muito. Metchinet, que ficou louco, teimava em vão aceder ás propostas do rei, e não queria vender sua alma—porque para o louco, d'aquelle dia em diante, sua alma era a bella esmeralda negra, quasi do tamanho de uma avellã.

Amaro Clehou.

PUBLICAÇÃO A PEDIDO

A UM APRENDIZ DE FLAUTA

MEU VISINHO

Por piedade, senhor estudioso!...
Suspenda, ao menos, por um só instante!...
Cale a sua flauta horripilante,
E que vem contender com o meu nervoso!...

Olhe que isso é demais, é ser teimoso!
Além de flagellar seu similhante,
E' commetter um crime revoltante!
Crime de *lesa-ovidos* horroroso!...

Já não posso soffrer seus desatinos,
E fujo com meu pello todo hirsuto,
Da musica ao maior dos assassinos!...

Fujo de um tocador cruel e bruto,
Pois antes por um anno ouvir mil sinos,
Que ouvir essa flauta um só minuto.

Maio de 86.

M. Lopes.

LOGOGRIPHO

De dez lettras é composto
O nome que aqui está,
E somente cinco syllabas
O leitor n'elle achará.

A primeira, meu leitor,
Aqui quasi em tudo tem;
Até em Santa Maria
Encaixadinho elle vem!

Se a segunda lhe juntares,
Nome agradavel terás;
Junto a segunda e terceira,
Coisa triste encontrarás.

Que a quarta é nota de musica
Eu te posso afiançar;
E a quinta, meu leitor,
Tambem na musica has-de achar.

A terceira, quarta, e quinta,
De toda a Europa vem,
Mas nenhum como da França,
Alto valor aqui tem!

A amante que é constante,
Chora ao ver o amante assim,
Pois seu estado figura-lhe
Que seus dias vão dar fim.

Maio de 86.

M. Lopes.

Parte Official

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 25

Felicitação das camaras dos pares e deputados, das camaras municipaes de Lisboa e Villa Nova de Famalicão e da junta geral do districto do Porto pelo consorcio do principe real D. Carlos, duque de Bragança com a princeza D. Amelia de Orléans, e as respectivas respostas.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Diario de 26

Listas para arrematações bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Rio de Janeiro, desde o 1.º de junho até 31 d'agosto de 1885.

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Maranhão, referida ao mez de dezembro de 1885.

Mappa do movimento dos espolios dos portuguezes fallecidos na área do consulado da Bahia, referido ao mez de fevereiro de 1886.

Diario de 27

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Noticias Diversas

O porto de Leixões.—Assentaram-se ultimamente, no molhe do norte, 5 blocos artificiaes na primeira fiada ou nas fundações, 3 na segunda e 3 na terceira, representando tudo um volume de 233^{m}3, 20, e ao mesmo passo collocaram-se nos enrocamento 5 blocos artificiaes com o volume total de 100,^{m}3 effectuando-se a descarga de enrocamentos de pedras naturaes por meio dos grandes guindastes *Titans*.

Nos estaleiros d'este molhe, tambem se construiram 11 blocos artificiaes durante a semana finda, para serem empregados nos enrocamentos e muro de abrigo.

Na superstructura argamassada do molhe do sul, assentaram-se 5 blocos artificiaes na primeira fiada, 3 na segunda e 3 na terceira, o que representa um volume de 233^{m}3,20, e collocaram-se 3 blocos nos enrocamentos do mesmo molhe com o volume total de 60,^{m}3.

Durante o estado de maré, em que não é possivel trabalhar nas fundações dos muros de abrigo e prolongamento dos molhes, empregam-se os operarios na construcção das calçadas argamassadas, vias ferreas em que devem rodar os *Titans* e elevação dos mesmos muros. A construcção dos blocos artificiaes nos estaleiros dos molhes foi quasi suspensa, ficando a funccionar apenas duas fórmas em cada estaleiro, em razão da escassez de cimento armanezado que se torna preciso para a construcção dos molhes, sendo todavia esperada em breve uma nova e importante remessa d'este material.

Prisão d'um assassino.—Dizem de Tua que no dia 21 chegou ao sitio de Chanza uma força de caçadores 3, a fim de prender dois grandes criminosos que trabalhavam nas terraplanagens para a estação difinitiva de Tua.

Um dos facinoras tem commettido dez assassinios, e o outro tres.

Ao saberem da approximação da força, saltaram a um barco e passaram para lá do Douro. O primeiro escapoliu-se. Ao segundo, quando estava a amarrar o barco, foram disparados alguns tiros pela tropa, que o intimou a entregar-se á prisão; mas como não obedecesse, disparou-se-lhe um tiro mais certeiro, que lhe atravessou uma coxa. O assassino cahiu e foi então capturado.

Correio da moda.—Trasladamos o seguinte da *Moda Illustrada*.

Com a approximação das festas para o casamento do principe real vai um trabalho espantoso em todas as nossas modistas e estabelecimentos de modas. As *toilettes* têm que ser tantas e tão variadas que não ha mãos a medir. Os trajos curtos são pela maior parte de sedas ligeiras de *étamines*, gazes e rendas em que a diversidade e belleza dos enfeites lhe dão todo o realce: emquanto que nos vestuarios de [illegible] ou de grande [illegible] se vêm as caudas longas e elegantes feitas de sedas fortes ou velludos, recamadas de bordaduras ou lavrados.

A nossa boa informadora de Paris fala-nos já de alguns objectos pertencentes ao enxoval da princeza Amelia, promettendo-nos em breve uma descripção minuciosa de muitos outros. Diz-nos que o vestido da chegada a Lisboa terá as côres nacionaes azul e branco. Vira já differentes vestidos, sendo alguns de baile, de grande elegancia, como um de *crépe lisse* branco ornado com folhagem de prata; outro de setim *rosa morta*, com a cauda *fuschia vermelha* bordada de prata; um vestido de setim lilaz da Persia, velado com crépe da mesma côr, tendo a cauda de setim coberta de ramos de lilazes bordados a relevo; um outro de falhe azul pallido com a cauda de velludo lavrada a azul mineral com arabescos de ouro.

Quanto ao vestido para o casamento, dizia-se que seria de uma grande simplicidade, feito em falhe francez branco. A todos estes vestidos sobresai um destinado para sua magestade a rainha D. Maria Pia, vestido que é uma verdadeira maravilha; a frente é de velludo azul pallido bordada a perolas finas e diamantes, um trabalho de fadas; a cauda muito extensa e partindo dos hombros é de velludo azul safira. *Toilette* verdadeiramente real.

Este anno, tanto os chapéus de sol como os leques teem um tamanho tão rasoavel, que agradam. Não têm nem as grandes dimensões que os tornam incommodos, nem são tão pequenos que se tornem inuteis. As *marquizes* usam-se de todas as cores, mas principalmente crêmes ou pretas. São cobertas ou guarnecidas com rendas; não rendas estreitas, mas largas de 25 a 30 centimetros, que se não collocam á borda, mas que sobrepõem parte d'ellas sobre a seda, caindo em volta em grandes recortes.

Nos cabos das *marquizes* ha um grande luxo. Ha alguns simples e que não são os menos elegantes, mas outros são em metal cinzelado, em porcelana de Sévres, em tartaruga com incrustações de metal dourado, formando este á firma ou as armas da pessoa a quem pertence. Um laço de fita serve de remate a estes cabos, no sitio onde prendem á vara que sustém a *marquize*.

Quanto aos leques ha n'elles uma variedade espantosa. Os leques de baile são de pennas, de gaze com bellas aguarellas, ou de rendas; alguns bordados a ouro ou prata como os do seculo passado. Nos outros leques de sedas ligeiras, vê-se as aguarellas representarem scenas de corridas de cavallos ou de toiradas.

Para o campo, já o anno passado muito se usou, e este anno continúa a moda, de se formar o panno do leque assim como cobrir a *marquize* com o mesmo tecido que se compõe o vestido. Faz isto com que a *toilette* fique completa.

Perguntam-nos algumas das nossas assignantes se ha moda nova nas botinas e sapatos. Bem vêm vv. ex.as que n'este artigo não se póde variar como nos vestidos. Usa-se de tudo. Botina de pellica fosca, outras com lustro: umas com botões, outras fechadas no peito do pé com atacadores, terminando a botina adiante em bico; outras com os cantos quadrados ou em redondo. Nos sapatos a variedade ainda é maior.

Para casa usa-se o sapato decota

em pellica ou setim dizendo com o vestido, sem enfeite ou com um pequeno laço; alguns com um bordado de vidrilhos finos de côr bem igual de setim. Para passeio é o sapato chamado á *Molière*, afogado, fechando com atacadores ou botões e usado sempre com meia muito escura.

Uma carta de Camillo Castello Branco.—O grande escriptor mandou ha tempos seu filho Nuno ao Rio de Janeiro, e recommendou-o ao dr. Figueiredo de Magalhães, um portuense que está ha muitos annos nas terras de Santa Cruz. O dr. Figueiredo mandou agora de presente ao eminente romancista um casal de cães, dois macacos, e uns poucos de paus de Petropolis. Camillo, agradecendo, dizia assim ao dr. Figueiredo:

«Formosissimo casal de cães e elegantissimos macacos! Ha vinte annos esta dadiva ser-me-ia um delirio de jubilo; agora limito-me a agradecer-lhe os macacos, como meus parentes, que eu não conhecia, e em que vejo feições proeminentissimas de individuos, aliás bons christãos, que eu detesto, quando me chamam primo. Tive tambem o ensejo de apalpar a consistencia dos paus com que de lá me sorriram os indigenas de entranhas crueis. Agora é que eu vejo a sorte que me espera, comparando a fragilidade ossea do meu arcabouço com a robustez lenhosa d'estes cacetes. Vou pendural-os defronte da minha banca de trabalho, como um *memento homo*. E, quando d'ahi me vier alguma injuria não provocada, porei os olhos contemplativos no pau, e depois no ceu, onde estão os deuses que nos hão-de julgar pelas asneiras escriptas.»

Noticias Locaes

Chegada e posse.—Chegou a esta cidade na quarta-feira á noite o sr. Martinho Pinto de Miranda Montenegro, novo governador civil do districto, e que já em 1879 fora nomeado para exercer o mesmo cargo, que desempenhou a contento dos seus correligionarios politicos, não levantando atrictos a sua administração. S. ex.ª foi recebido cordealmente por todos os seus antigos amigos, que fazem justiça ás rectas intenções do seu caracter. A posse foi-lhe dada na quinta-feira de manhã, assistindo ao acto muitos cavalheiros filiados no partigo progressista.

Apontamentos da carteira.—Regressou da capital a ex.ma sr.a D. Rosa Milanos de Faria.

— Regressou hoje de Lisboa á sua casa de Anadia o nosso respeitavel amigo e eminente jurisconsulto, o sr. dr. Alexandre de Seabra, muito digno presidente [illegible] o sr. dr. Seabra um dos vultos mais distinctos do nosso paiz pela austeridade inconcussa do seu caracter, pelos seus muitos e proficientissimos trabalhos juridicos, e pelos seus portentosos recursos de intelligencia e de saber. E o districto de Aveiro, sempre que, desoppresso das violencias officiaes, o tem collocado á testa da sua administração, tem recebido d'elle tão relevantes, rectos e desinteressados serviços, que tem por elle singular reconhecimento e profunda veneração.

— Veio passar a Aveiro as férias de ponto o nosso sympathico e intelligente amigo, o sr. Francisco Fragateiro de Pinho Branco, que termina este anno, com muita distincção e applauso dos seus mestres, a sua formatura em direito na Universidade de Coimbra.

— Esteve ante-hontem aqui o nosso illustrado amigo, o sr. dr. Dyonisio de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, digno administrador do concelho de Estarreja.

Cavallaria n.º 10.—Regressou de Vizeu uma força, sob o commando do sr. alferes Santos.

— Partiu ante-hontem para Braga um destacamento de trinta e tantos cavallos, commandado pelos srs. capitão José Augusto Arnaut Peres, e tenente Bento da França, a fim de render a força, sob o commando dos srs. capitão Sarmento e alferes Barreira.

Festa do Senhor Jesus.—No domingo fez-se no templo da Sé a costumada e pomposa festividade do Senhor Jesus, constando de missa solemne a grande instrumental, exposição do Santissimo e sermão, tanto de manhã como de tarde, com grande assistencia de fieis. A egreja estava simples mas elegantemente decorada. Saiu da tarde a procissão, composta das duas irmandades do Senhor do Bemdito e Senhor Jesus, indo muito numerosa e com todo o aceio, em que primava principalmente a da nossa freguezia, na maioria composta de classe piscatoria, que é sempre a que se apresenta mais aceada.

Os ratoneiros.—Na terça-feira á noite dois individuos invadiram o quintal da casa do sr. Tobias Biaia, á Vera-Cruz, levantando a vidraça de uma das janellas que dão para a varanda, para onde saltou um d'elles, que foi logo abrir a porta da escada. Sendo porém presentida a tentativa já em começo de execução, os ratoneiros poderam safar-se, sendo disparada contra um d'elles uma arma de fogo.

O sr. Biaia e familia achavam-se no Porto, mas a casa estava guardada. Foi devido a esta circumstancia, que os ratoneiros não tiveram exito n'esta empreza.

Policia.—Não a ha em Aveiro, como já aqui dissemos. Os empregados da administração do concelho vencem 240 réisdiarios. D'aqui comem, vestem, pagam renda de casa, elles e as respectivas familias. Mourejam de dia em cousas de serviço, e á noite, mal alimentados e ralados pela fadiga, não podem velar pela vida e propriedade dos cidadãos.

O sr. governador civil substituto officiou já para o quartel-general, a fim de dar ordem para o regimento de cavallaria 10 dar patrulhas todas as noites. Não sabemos se já chegou ao regimento aquella ordem. Bom será que não se demore, porque o actual estado de cousas é impossivel sustentar-se, por ser demasiado violenta.

A junta geral oppõe-se a que se crie um corpo de policia; e sem o seu voto, nada pode fazer-se, porque tem de criar-se receita para custear a respectiva despeza.

Assim haja patrulhas por essas ruas, para que desappareça a horda de ratoneiros, cuja existencia ahi é uma vergonha para a terra e para os tempos em que vivemos.

Tentativa de fuga.—Os presos de uma das enxovias da cadeia d'esta cidade projectaram evadir-se esta noite, levantando o lagedo da prisão e pondo-se assim em communicação com um cano de esgoto que atravessa o edificio. Foram presentidos, não podendo assim pôr em pratica o plano que haviam traçado e cuja execução não seria muito difficil. Identica tentativa teve logar ha bastantes annos, que não se realisou, por a haver denunciado um dos presos.

Audiencias geraes.—E' no dia 1 de junho a discussão e julgamento, em audiencia geral, de José Marques Novo, o Madeira, accusado pelo Ministerio Publico de offensas corporaes de que resultou a morte de Manuel Covão.

E' advogado de defeza o nosso collega dr. Barboza de Magalhães.

A limpeza das ruas na cidade das letras.—E' da *Correspondencia de Coimbra* a seguinte noticia:

«Decididamente, ou o nosso povo é incorrigivel, ou a policia não tem força para o corrigir. Continúa por toda essa cidade a transgressão das posturas municipaes em larga escala. Por toda a parte cascas de laranja, talos de couve, aguas pouco limpas, gallinhas pelas ruas, etc. Ha dias, por causa de uma casca de laranja, esteve uma senhora ao Arco d'Almedina a ponto de dar uma queda fatal, se não fosse amparoda a tempo. Pedimos ao digno commissario de policia faça cumprir os deveres aos seus subordinados, a fim de evitar estes abusos, tão censuraveis n'uma terra como Coimbrá.»

Pelo que se vê Aveiro não póde queixar-se com fundamento. Aqui não ha corpo de policia que vele pela observancia das posturas; a municipalidade tem de receita a *grande somma* de 12:000$000 reis com enormes encargos obrigatorios, e apesar d'isso as ruas da cidade não se vêem pejadas de porcarias como o estão as de Coimbra, se é verdade, como cremos, o que diz o nosso collega d'alli.

Armazens Herminios.—Acabamos de receber o catalogo d'esta antiga e bem conceituada casa portuense, correspondente á estação de verão, e que traz umas amostras finissimas, d'um gosto admiravel, para fatos completos de homem e de creança. O respeitavel proprietario d'este magnifico estabelecimento, o sr. José Maria Ferreira, costuma mandar expressamente a Paris, e é graças a uma escolha aprimorada que na sua casa apresenta sempre as melhores fazendas, que vende por preços relativamente baratos. A's transacções d'esta casa preside sempre a maior seriedade, pois os seus empregados teem as mais severas instrucções para esclarecerem os compradores sobre a qualidade e procedencia da fazenda. Os *Armazens Herminios* enviam franco de porte para todas as provincias do paiz todas as amostras que lhe sejam pedidas, e tomam a seu cargo os gastos do porte, desde que a encommenda não seja inferior a 4$500 réis.

Ha além d'estas muitas outras condições que bastam para *reclame* á casa, que como sabem todos os que a conhecem, é uma das melhores e mais notaveis do paiz. Executam-se alli todos os fatos á vontade do comprador, e o mais rapidamente possivel, pois que para isto tem um estabelecimento adjunto de alfaiataria, onde estão empregadas algumas das melhores thesouras e agulhas d'aquella cidade e de fóra. Prevenimos d'isto os nossos leitores, e folgaremos que a prevenção lhes sirva.

Estabelecimento importante.—Consta-nos que uma importante casa franceza projecta estabelecer aqui no bairro do Alboi uma fabrica de peixe de escabeche, para o que já andam entaboladas negociações com os proprietarios do terreno. Daremos sobre tão importante assumpto mais amplos pormenores, logo que os obtivermos competentemente.

Exposição.—Houve na semana passada a exposição d'um recemnascido na casa da habitação do sr. Daniel de Barros, digno capitão do porto d'esta cidade. Urge que a Junta Geral tome uma medida mais propria a evitar taes incommodos aos particulares.

Obito.—Falleceu na Mealhada a espoza do nosso patricio, o sr. João da Rocha Salgueiro, digno escrivão de fazenda do mesmo concelho.

Trabalho no mar.—*Cessou outra* vez o trabalho no mar, porque elle se fez de novo bravo. E assim vão as cousas com relação a pescas de mar este anno.

Carta de Lisboa

Lisboa, 28 de maio de 1886.

Estão a terminar as festas, mas a animação continua a ser grande, enorme, apesar de se haver retirado já um grande numero de forasteiros.

Vou fallar-lhes do fogo que se queimou no Tejo na noite de quinta-feira e que foi um dos mais brilhantes espectaculos a que na minha vida tenho assistido.

A's 10 horas em ponto a familia real foi para o palacio do Muzeu de Bellas-Artes, ás Janellas Verdes, e seguidamente começou o fogo de artificio armado em diversas barcaças, que foi de um magnifico effeito, sendo impossivel calcular-se a quantidade de povo que se estendia desde o caes do Sodré até ao fim do Aterro, e do largo da Junqueira até Belem, não fallando nos agrupamentos que coroavam todas as eminencias da cidade d'onde se avista o rio, e que se compunham de muitos milhares de pessoas. Póde dizer-se que Lisboa se despovoára para se concentrar na parte baixa da cidade. O espectaculo que offereciam as dezenas de navios e barcos de todas as dimensões illuminados a capricho era surprehendente. A distancia, muitas embarcações que bordejavam projectando fócos de luz electrica davam ao lindissimo panorama um aspecto phantastico.

— Depois da brilhante tourada que hontem se realisou, os principes de Orleans seguiram para a estação do caminho de ferro e o principe Jorge foi para bordo do seu *yacht*, que vae sair do Tejo, em direcção a Gibraltar. Os principes despediram-se esta manhã dos funccionarios da casa real que estavam ao seu serviço e bem assim dos empregados do paço das Necessidades, onde estiveram alojados, offerecendo a alguns d'elles prendas de valor. A's 2 horas da tarde foram acompanhados por S. A. o senhor infante D. Augusto, aos paços da Ajuda e de Belem, onde fizeram as ultimas despedidas a SS. MM. e a SS. AA. o principe D. Carlos e princeza D. Amelia. Os principes de Orleans seguem para Madrid, onde os espera a princeza de Joinville. No paço das Necessidades ficam apenas a princeza Clementina e seu filho D. Fernando de Coburgo, que talvez partam ámanhã, bem como o marquez de Bauvoir e o demais pessoal da comitiva dos condes de Paris. O conde de Paris fez uma collecção dos principaes periodicos de Lisboa, Porto e Coimbra. Tanto elle como sua familia partem d'aqui, segundo me affirmam, muito saudosos e agradados do paiz.

— Partem ámanhã para a sua casa d'Anadia o sr. Alexandre de Seabra e sua ex.ma espoza. Suas ex.as foram aqui cumprimentados por tudo o que ha de nobre na capital. E' que os meritos e o elevadissimo caracter do primeiro jurisconsulto portuguez é justa e verdadeiramente apreciado em toda a parte.

— Foi agraciado com o grau de cavalleiro de S. Thiago o sr. Arthur Ravara, medico da real camara, a quem el-rei fez presente das respectivas insignias no dia do casamento do principe D. Carlos.

— Parece que vão ser concedidas varias distincções honorificas aos commandantes dos navios da marinha real portugueza e a outros officiaes considerados d'ella. Tambem serão concedidas distincções aos commandantes dos navios de guerra estrangeiros que vieram ao Tejo por occasião do casamento de S. A. R. o principe herdeiro.

— Affirma-se que no proximo consistorio de 7 de junho, Sua Santidade creará seis cardeaes, sendo tres francezes. O sr. arcebispo primaz do Oriente, dr. Valente, tambem receberá o barrete cardinalicio. Attenta a concordata relativa ao nosso padroado em Goa, que já se acha assignada, serão creadas duas dioceses novas na India; será reconhecido á corôa portugueza o direito de apresentação dos srs. bispos, o de nomeação de todos os parochos e missionarios. Os bens das missões de Bombaim, que rendem cerca de 200:000$000 reis, constituindo um verdadeiro principado, serão restituidos a Portugal.

— Consta que foi dado o titulo de marquez de Pomares a D. Luiz Daun e Lorena, e o de marquez da Foz ao conde actual.

— Dizem-me que os jornalistas estrangeiros estão encantados no nosso paiz. Na estação telegraphica principal agradeceram aos empregados a promptidão do serviço, e declararam que não esperavam encontrar aqui tantas cousas que ver e admirar.

— Sua magestade a rainha foi agraciada com a grande medalha de ouro da Sociedade philantropica parizi se, *L'encouragement du bien*.

— A egreja de S. Domingos continua patente ao publico, sendo visitada por milhares de pessoas.

— A subscripção para o emprestimo municipal de Lisboa foi coberta umas poucas de vezes em Berlim.

Y.

Telegraphia

Paris, 25.—A camara dos deputados recomeçou hoje os seus trabalhos, tomando nas devidas considerações diversas propostas, entre as quaes a que tem por fim conceder pensões vitalicias aos feridos ou ás familias dos que pereceram no combate do dia 24 de fevereiro do anno de 1848. A este respeito trocaram-se algumas observações acaloradas entre os differentes grupos da camara.

O ministro da guerra, general Boulanger, apresentou á camara varios projectos militares.

Segundo diz hoje o jornal *La Liberté* o ultimo conselho de ministros, por 6 votos contra 5, pronunciou-se a favor da expulsão para os principes; mas não chegou *a accordo sobre a redacção do competente projecto*, cuja elaboração deverá continuar no proximo conselho que deverá realisar-se quinta-feira. Suppõe-se que o governo, antes de tomar qualquer decisão, quer sondar a opinião da camara.

A maior parte dos despachos das provincias dizem que os animos se mostram alli indifferentes a esta questão dos principes.

Pernambuco, 25.—Partiu hoje d'este porto com destino á Europa o paquete inglez *Valparaizo*, da companhia Navegação do Pacifico.

Londres, 26.—O sr. Gladstone mostra se resolvido a modificar consideravelmente o projecto do *home-rule* irlandez.

Paris, 26.—Segundo consta ao *Jornal des Debats*, ha divergencia no seio do gabinete, com respeito á questão dos principes. Parece que o presidente do conselho, sr. Freycinet, é de parecer que não ha motivo para expulsão.

Madrid, 26.—A emissão do emprestimo de Cuba, teve o seguinte resultado, a que só faltam os dados de Paris: até ás 6 horas da tarde, foram subscriptos 610:504 titulos e calcula-se que metade pelos estabelecimentos financeiros e a outra metade pelo publico.

Madrid, 26.—O jornal *El Correo* publica o resultado definitivo da subscripção para o emprestimo de Cuba. Foram subscriptores ao todo 637:108 titulos.

Roma, 26.—Houve tambem em Veneza 22 casos e 12 obitos do colera.

Por causa das eleições rebentaram graves desordens em Train (Tum)—Os operarios reuniram-se nos suburbios, e marcharam sobre a cidade, onde sustentaram uma encarniçada luta com as tropas.

Londres, 27.—Diz-se que está imminente uma proposta da Inglaterra para se levantar o bloqueio da Grecia.

Rio de Janeiro, 26.—Chegou hoje a este porto, vindo da Europa, o paquete inglez *Cotopaxi* da Companhia Navegação do Pacifico.

Paris, 27.—O conselho de ministros assentou emfim em um projecto relativo á questão dos principes, o qual contem dois artigos:

1.º—O que auctorisa o ministro do interior a prohibir a estada em França ás antigas familias que aqui reinaram.

2.º—O que estatue as penalidades que o tribunal correccional pronunciará no caso de ser violada essa prohibição, cujo maximo será de 5 annos de prisão.

Paris, 27.—Camara dos deputados.

A interpellação no sr. Michelin ácerca das occorrencias de Decazeville, ficou para a sessão de sabbado.

O sr. Demole, ministro da justiça, leu á camara o projecto para a expulsão dos principes. O preambulo do projecto lembra que foi a Republica que derogou as leis de exilio para os principes, e portanto que tinha o direito de esperar que estes respeitariam as instituições; mas que a sua expectativa foi enganada, porque os principes tem aproveitado todas as occasiões para tratarem de abalar a Republica; e assim, o governo julga pois chegado o momento de pôr termo a um tal estado de cousas.

O ministro leu os artigos do projecto, em meio de interrupções da direita.

O conde de Maille foi chamado á ordem.

O ministro pediu a urgencia, que foi logo declarada, e o projecto foi enviado ás commissões permanentes. Suppõe-se que estas nomearão uma commissão especial.

O sr. Basly mandou para a meza uma proposta que manda restituir á nação os bens que estão na posse dos descendentes das antigas familias que reinaram em França, para com o seu rendimento ser dotada uma caixa de pensões para a velhice. Foi tambem declarada a urgencia e a proposta enviada á mesma commissão do projecto da expulsão dos principes. Depois, o sr. Gayot apresentou outra proposta para a separação da Egreja e Estado.

Diz-se que o projecto da expulsão dos principes provocará varios contra-projectos ou emendas.

Parece que o sr. Clemenceau pedirá que a expulsão dos principes seja obrigatoria.

Madrid, 28.—O jornal *Imparcial* desapprova o projecto de lei apresentado pelo ministerio francez contra os principes. A expulsão considera-a como um acto dictatorial odioso, censuravel e illegal, e faz notar que a monarchia hespanhela abre as portas a todos os emigrados e tolera a propaganda republicana, emquanto que a Republica franceza offende os direitos dos cidadãos.

Madrid, 28, ás 6, 20 m. da t.—Os condes de Paris e sua familia chegaram hoje a Madrid ás 5 horas da tarde.

Vieram todos de perfeita saude e foram hospedar-se no palacio real, tendo sido recebidos muito affectuosamente na estação do caminho de ferro pelas infantas D. Izabel e D. Eulalia.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES
AVEIRO
ALVES MENDES

PATRIA!—Discurso na inauguração do monumento aos Restauradores de Portugal.......... 300

ANNUNCIOS

AO PUBLICO

151 MANUEL Simões Amaro Junior participa que não se responsabilisa por quaesquer dividas contrahidas por sua filha.

EUCALIPTOS

149 COMPRAM-SE alguns paus de eucaliptus seccos, que tenham mais de 45 palmos de comprido e que sejam direitos e sem nós. Quem os tiver n'estas condições póde dirigir-se á Administração d'este jornal, que alli se lhe dirá quem os compra.

PREVENÇÃO

152 FRANCISCO dos Santos Pereira Mello, d'esta cidade, faz publico que se não responsabilisa por qualquer divida que sua mulher faça.

Aveiro 28 de maio de 1886.

Francisco dos Santos Pereira Mello.

VACCA TOURINA

150 QUEM tiver uma vacca tourina nova, de boa raça, mas já a criar e muito leiteira, querendo-a vender, queira dizer onde póde ser vista e contractada, se servir.

PILULAS PEITORAES DE MOURA

132 ESTE medicamento, de uma composição vegetal e debaixo da fórma de pilulas, o que facilita muitissimo a sua administração, e de uma incontestavel efficacia nas bronchites tanto agudas como chronicas, defluxos, tosses, rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dôres de peito, escarros de sangue, etc. Acompanham esta especialidade numerosos attestados que justificam os seus creditos. Caixa 500 reis. Deposito no Porto, Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

Previne-se o publico, para não ser illudido, que são falsificadas as pilulas em cujas caixas não fôr o nome Felix & Filho.

BALSAMO ODONTALGICO DE MOURA

130 COM o uso d'este balsamo cessam instantaneamente as dores de dentes por mais violentas que sejam. Frasco 200 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

PÓS DENTIFRICOS DE MOURA

131 ESTES pós limpam os dentes sem prejudicar o seu esmalte, dando-lhes um brilho e alvura admiraveis; fortificam as gengivas, tiram o mau halito e previnem a carie de resultados tão funestos quanto dolorosos. Caixa 200 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

12

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

AFINADOR

145 OFFERECE-SE um afinador de pianos, com pratica d'este trabalho, e por preço convidativo.

Quem precisar dos seus serviços dirija-se a Joaquim Antonio Placido.

LARGO DO ROCIO—AVEIRO

10

PILULAS DE BLANCARD

DE IODURETO DE FERRO INALTERAVEL

NOVA YORK — PARIS

Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo.

1853 — 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos ou fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto.

Blancard

Pharmacª em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

AGUAS ALCALINO-GAZOSAS-LITHINAES
DE
VIDAGO

142 NO dia 1 de junho abrem os hoteis da empreza das AGUAS DE VIDAGO, conservando-se expostos ao publico durante os mezes de junho, julho, agosto e setembro.

A importancia therapeutica d'estas aguas mineraes tem-lhes feito grangear uma reputação universal, *sendo com justa razão* consideradas como agentes do mais subido valor em todas as doenças em que esta indicada esta medicação. A' riqueza das aguas juntam-se as boas condições em que estão montados os hoteis da empreza, nos quaes se proporcionam as maiores commodidades e conforto.

Do relatorio apresentado pelo dr. Castro Lopo extractamos o seguinte:

DOENÇAS	CASOS	RESULTADOS
Dyspepsia..........	87	Excellente
Lithiase-biliar..........	16	Excellente
Engorgitamento hepathico..........	25	Excellente
Catarrho vesical..........	17	Excellente
Litiase renal..........	19	Excellente
Gota e rheumatismo..........	4	Melhoras notaveis
Herpes..........	2	N'um bom resultado
Lymphatismo..........	1	Bom resultado
Diabetis..........	12	Excellente
Albuminuria..........	1	Algumas melhoras
Bronchite chronica..........	1	Bom resultado
Anemia..........	1	Bom resultado
Não qualificadas..........	20	

«... Como se vê pela estatistica presente não tem diminuido o numero de doentes que annualmente recorrem ao uso das aguas de Vidago, tomadas na sua origem. E' uma prova irrefutavel do quanto se generalisam os bons conceitos que merecem aos clinicos que deparam com casos especiaes como alguns que entram na estatistica, e para alguns dos quaes quasi de todo impotente o arsenal therapeutico que se encontra nas pharmacias.

«... Além dos agentes da mineralisação das aguas, uma parte importante nos resultados, deve-se, sem duvida, ás condições do local onde as eguas brotam, e aos hoteis da empreza, onde se observam todos os preceitos de uma boa hygiene.

«Não nos resta duvida em qualifical-os como hoteis de primeira ordem, e tanto mais que esta é a opinião geral que d'elles se faz.

«Se não repetimos aqui as considerações que temos por vezes feito sobre as aguas de VIDAGO é pelo julgarmos desnecessario.

«Que fique ainda assim mais uma vez consignado o conceito que d'ellas fazemos, collocando-as a par das de Vichy, ideia que aliás não nos pertence, pois que foi apresentada pelo sr. dr. Lourenço, mas que no entanto se armonisa com o nosso pensar.

(Assignado) *José de Castro Lopo.*»

A empreza tem feito melhoramentos notaveis nas nascentes de Oura, Villa Verde e Sabroso. Da nascente de Oura, abundantissimas, sahe a agua para o estabelecimento balnear, onde ha banhos de emmersão, circular, douches, etc., consideravelmente melhorados.

A agua de Sabroso, cuja riqueza é revelada pela primeira analyse, collocada em condições mais favoraveis, apresenta acido carbonico livre em quantidade extraordinaria.

A empreza vae mandar proceder a nova analyse, e é de suppor que venha mostrar que entre nós não ha outras que possam rivalisar com ella.

Para Vidago o transporte é facil, havendo na Regoa carros, mala-posta e diligencias que seguem até lá, podendo tambem seguir-se por Guimarães aos Arcos e Villa Pouca.

Para reserva de aposentos ou quaesquer esclarecimentos a correspondencia deve ser dirigida a madame Carvalho ou Miguel Augusto de Carvalho—VIDAGO.

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excellentes e ainda não igualadas machinas de coser de LANÇADEIRA OSCILLANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'olgodão.

Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu machinismo é ajustavel e com o uso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANNOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior e medalha d'ouro.

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapelleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINGER

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 machinas! devido isto á sua grande aceitação, supplantando assim todos os outros systemas modernos, que jàmais poderão competir com a machina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

ESPECIALIDADES

Old Tom Gim (marca Gato *registada*)..........	4$800 réis por caixa de duzia
Cognac (muito velho)..........	5$800 réis por caixa de duzia
Scotch Whisky (10 years old)..........	8$000 réis duzia de garrafas
Vinho do Porto (velho)..........	3$000 réis duzia de garrafas
Vinho de Xerez (superior)..........	3$800 réis duzia de garrafas
Vinho de meza (igual ao melhor vinho de Bordeus)..........	850 réis duzia de garrafas
Champagne (muito superior)..........	7$200 réis duzia de garrafas

De 3 caixas para cima tem desconto, excepto os vinhos de meza

Pódem-se provar estes vinhos e cognacs no escriptorio de

H. Daniel Ritson

39—RUA DO INFANTE D. HENRIQUE—39

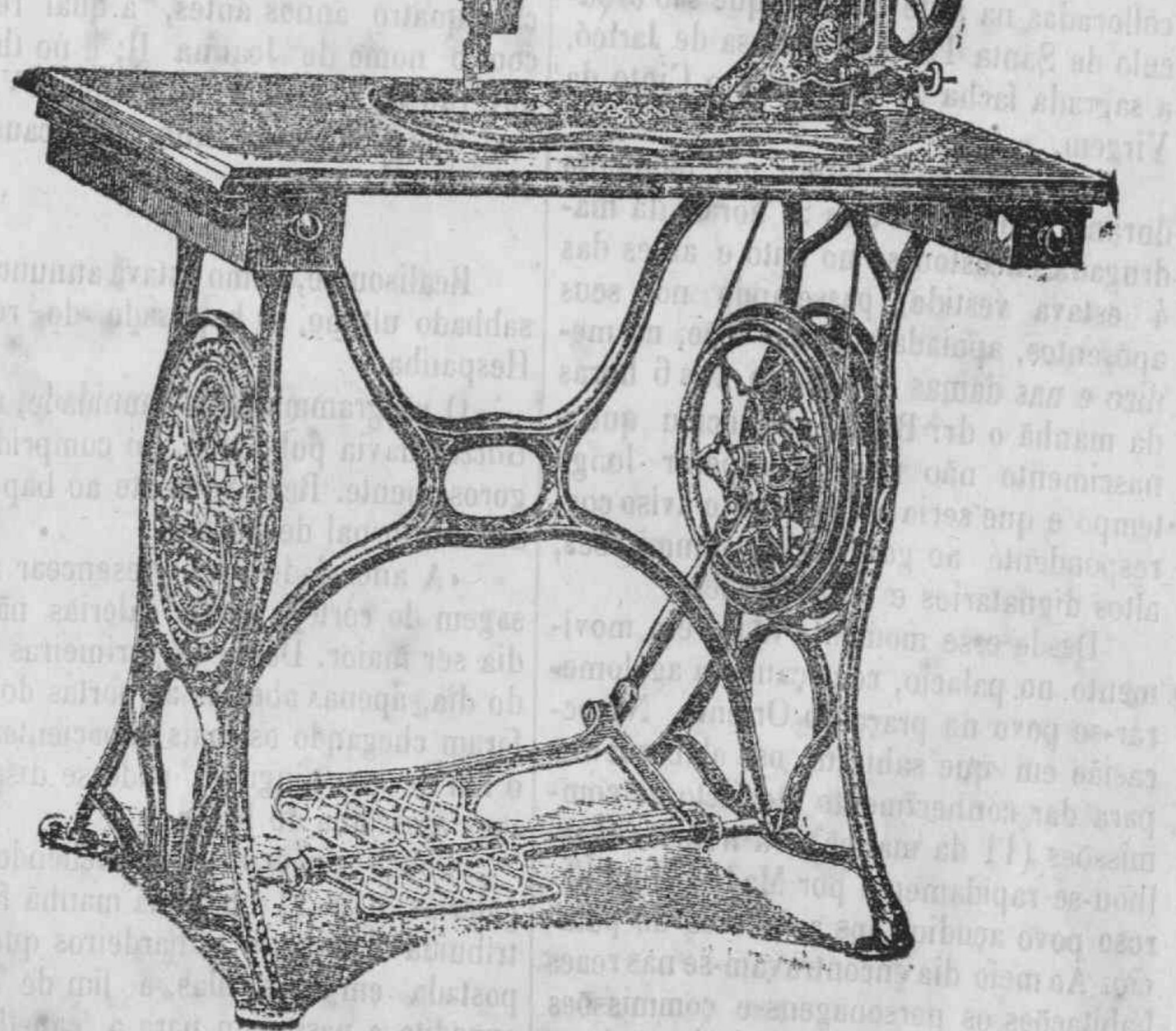
(ANTIGA RUA DOS INGLEZES)

CASA ESTABELECIDA EM 1875

NOVO DEPOSITO
DE
MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A MEMORIA (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sem meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quae sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendid tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero pedêr petir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-C